Alexandre Cunha

**Relação entre conhecimento em língua inglesa e sucesso das
publicações de pós-graduandos de psiquiatria e neurociências em
periódicos internacionais de impacto**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências**

Programa de: Psiquiatria

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Busatto Filho

**São Paulo
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Cunha, Alexandre

Relação entre conhecimento em língua inglesa e sucesso das publicações de pós-graduandos de psiquiatria e neurociências em periódicos internacionais de impacto / Alexandre Cunha. -- São Paulo, 2013.

Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Programa de Psiquiatria.

Orientador: Geraldo Busatto Filho.

Descritores: 1.Conhecimento de língua inglesa 2.Publicações periódicas como assunto/classificação 3.Fator de impacto de revistas 4.Educação de pós-graduação em medicina/recursos humanos 5.Tradução 6.Publicações científicas e técnicas 7.Conhecimento

USP/FM/DBD-091/13

Dedicatória

À minha filha querida Yasmin, flor do meu jardim.

Aos meus irmãos Fernando, Fábio e Cristiane, sempre presentes.

Aos meus pais, José e Salete, por seu incentivo constante e apoio incondicional.

Agradecimentos

À Andrea Vieira, quem primeiro me fez pensar na possibilidade desta dissertação.

À Luciana Santos e ao Luiz Kobuti por suas sugestões em importantes momentos da coleta de dados.

Ao Professor Geraldo, meu orientador, que nas horas de maior dificuldade se mostrou um amigo paciente e generoso.

À Paula Squarzoni, que ajudou a organizar e preparar o material para apresentação.

Ao Álvaro Machado Dias, que com suas dicas preciosas, me abriu caminhos.

Ao Fernando Cunha (meu irmão), que corrigiu o português na fase de qualificação.

À Eliza Fukushima, sempre solícita em fornecer informações importantes sem as quais esse trabalho não teria sido possível.

Ao André Seixas, que com uma sugestão, auxiliou em um momento decisivo para o direcionamento da leitura dos dados.

À Ana Paula Vidal, que ajudou na resolução dos problemas técnicos de editoração.

**“Tudo aquilo que hoje é uma
realidade, antes era apenas parte de
um sonho impossível” (Lewis Carroll)**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

NORMATIZAÇÃO ADOTADA

Esta dissertação ou tese está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver).

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Divisão de Biblioteca e Documentação. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias*. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 3a ed. São Paulo: Divisão de Biblioteca e Documentação; 2011.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

Sumário

LISTA DE FIGURAS	3
RESUMO	4
SUMMARY	6
1. INTRODUÇÃO	8
1.1. A RELEVÂNCIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LÍNGUA INGLESA DE PESQUISADORES BRASILEIROS	11
1.2. PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LÍNGUA INGLESA NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE PSIQUIATRIA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA FMUSP.....	13
1.3. A RELEVÂNCIA DA PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA INGLESA PARA PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM PERIÓDICOS INTERNACIONAIS	15
1.4. ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SUCESSO ACADÊMICO E PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA	17
2. OBJETIVOS E HIPÓTESES	23
2.1 Objetivos	23
2.2 Hipóteses	23
3. METODOLOGIA	25
3.1. Desenho Experimental	25
3.2. Amostra	25
3.3. Instrumentos para avaliação dos sujeitos	27
3.3.1. Questionário de autoavaliação	27
3.3.2. Prova objetiva de conhecimentos em língua inglesa	29
3.3.3. Procedimentos para aquisição de informações	30
3.3.3.1. Questionário.....	30
3.3.3.2. Notas do teste de inglês para ingresso no Programa de Pós-Graduação.....	31
3.3.3.3. Informações adicionais	31
3.4. ANÁLISE DOS DADOS	32
3.4.1. Avaliação descritiva das respostas a questões abertas do questionário.....	33
4. RESULTADOS	34
4.1. Dados demográficos e proporção entre mestrandos e doutorandos	34
4.2. Medidas de avaliação objetiva de proficiência em língua inglesa	35
4.3. Histórico de aprendizado de língua inglesa e autoavaliação	35

4.4. Dificuldades relatadas pelos pós-graduandos na época da preparação, submissão e revisão do primeiro artigo para a dissertação/tese	39
4.5. Correlação entre notas de admissão para pós-graduação no Departamento de Psiquiatria da FMUSP e proficiência autodeclarada	41
4.5.1. Relação entre uso de tradução por terceiros e índices de proficiência em língua inglesa	42
4.6. Produção científica dos pós-graduandos e seus orientadores	43
4.7. Análises de regressão múltipla relacionando índices de produção científica dos orientandos e proficiência em língua inglesa	44
4.8. Avaliação descritiva das respostas às questões abertas do questionário	46
4.8.1. Exemplos que ilustram o quanto a autoavaliação dos estudantes é positiva	52
4.8.2. Conhecimento da língua versus linguagem técnica (respostas da questão 7/parte B)	55
4.8.3. Exemplos que ilustram o quanto os pós-graduandos acionam várias ajudas, ainda que sejam e se sintam proficientes	56
4.8.4. O papel e a importância da escrita científica: considerações dos sujeitos (respostas da questão 3/parte C)	58
5. DISCUSSÃO.....	60
5.1. Considerações metodológicas e limitações	60
5.2. Nível de proficiência em inglês da amostra estudada e histórico do contato dos sujeitos com a língua inglesa	62
5.3. Níveis de dificuldades declaradas pelos alunos e estratégias utilizadas para elaboração de artigos.....	67
5.4. Relação entre proficiência em língua inglesa e produção científica dos alunos.....	69
5.5. Relação entre produção do orientador e produção científica dos alunos	71
5.6. Implicações gerais dos resultados, considerações finais e perspectivas futuras.....	72
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXO	78

LISTA DE FIGURAS

Tabela 1 –.....	13
Tabela 2 –.....	34
Tabela 3 –.....	35
Tabela 4 –.....	36
Tabela 5 –.....	38
Tabela 6 –.....	38
Tabela 7 –.....	40
Figura 1 –.....	41
Tabela 8 –.....	42
Tabela 9 –.....	43
Tabela 10 –.....	45
Figura 2 –.....	46

RESUMO

Cunha A. Relação entre conhecimento em língua inglesa e sucesso das publicações de pós-graduandos de Psiquiatria e Neurociências em periódicos internacionais de impacto [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2013.

Investigamos o quanto o conhecimento de língua inglesa e as capacidades científicas dos orientadores podem prever significativamente o sucesso que estudantes de pós-graduação em Psiquiatria num país emergente obtêm em termos da quantidade e qualidade de publicações de resultados de suas pesquisas em periódicos de impacto.

Usando como amostra alunos de mestrado e doutorado do curso de Pós-Graduação da área de concentração do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, foram levantadas informações sobre seus conhecimentos na língua inglesa e os caminhos utilizados para a tradução de seus artigos submetidos para periódicos publicados em inglês. O número de sujeitos foi de 43 participantes, sendo 28 mestrandos e 15 doutorandos.

A maioria de nossos sujeitos (60%) obteve notas acima de 80 (em possíveis 100) para conhecimentos em língua inglesa no momento do ingresso no curso. No entanto, mais de 93,7% utilizou algum grau de assistência externa na elaboração da tradução de artigos científicos submetidos para publicação a partir de suas teses, ainda que a proporção de uso de serviços para tradução integral de artigos tenha sido pequena (20,9%). Análises de regressão múltipla realizadas mostraram haver uma relação significativa entre conhecimento de língua inglesa (nota de entrada) e fator

de impacto obtido ($p = 0,03$). Contudo, relação significativa foi também encontrada ao se relacionar os índices de produção científica dos sujeitos com o índice h de seus orientadores ($p = 0,03$), bem como uma trend de associação com a busca de assistência externa para tradução dos artigos ($p = 0,05$).

O conhecimento de inglês, apesar de relevante, não é decisivo para a obtenção de um maior número ou impacto de publicações para pós-graduandos em Psiquiatria e outras variáveis (índice h do orientador e o uso de assistência externa para tradução dos artigos) foram as que também apresentaram significância estatística com as medidas de sucesso da publicação.

Descritores: Conhecimento de língua inglesa; Publicações periódicas como assunto/classificação; Fator de impacto de revistas; Educação de pós-graduação em medicina/recursos humanos; Tradução; Publicações científicas e técnicas; Conhecimento.

SUMMARY

Cunha A. Relation between knowledge of English language and publication results by Psychiatry and Neurosciences graduate students in international periodicals of impact [dissertation]. São Paulo Medical School, University of São Paulo; 2013.

This study evaluates the success of graduate students in psychiatry in an emerging country, in terms of the quantity and quality of their scientific production (as well as the impact factors of the journals in which they publish), investigating to what extent student proficiency in English and the scientific capabilities of academic advisors predict that success.

Our sample comprised 43 master's and doctoral students in psychiatry (N=28 and N=15, respectively) at the University of São Paulo School of Medicine, in São Paulo, Brazil. We collected information about their knowledge of English and the ways in which they write their articles to be submitted to journals publishing in English.

Of the 43 students evaluated, 26 (60%) scored ≥ 80 (out of 100) on an English test given at admission to the graduate program. However, 40 (93.7%) used some form of external assistance in transforming their theses into articles suitable for submission, although only 9 (20.9%) requested full English translation from a version written in Portuguese. Multiple regression analysis revealed that first-author publication in a high-impact journal correlated significantly not only with student proficiency in English at admission ($p=0.03$), but also with having the article translated by a third party ($p=0.05$) as well as with the h-index of the academic advisor ($p=0.03$).

Albeit relevant, knowledge of English was not the key factor for the publication success of the graduate students evaluated. Other variables (h-index of the advisor and third-party translation) appear to be also important predictors of success in publication.

Keywords: Knowledge of English; Periodicals as topic/classification; Journal impact factor; Education, medical, graduate/manpower; Translating; Scientific and technical publications; Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

Há mais de um século, nas diferentes áreas de pesquisa científica no mundo, vem-se utilizando o instrumento da publicação de dados, em periódicos científicos com revisão por pareceristas anônimos, como a principal forma de disseminação de resultados dos estudos realizados, comunicação entre pares, geração de novas hipóteses, levando, com isto, a um avanço contínuo do conhecimento científico.

Considerando-se, hoje em dia, que o objetivo final de um pesquisador é a publicação de seu trabalho em revistas do mais alto reconhecimento internacional, seu sucesso ou fracasso seria medido pela colocação, dentro de um determinado *ranking*, que sua pesquisa alcançaria em publicações de maior importância e relevância no meio acadêmico e científico, tanto nacional quanto internacional. Entre as diversas formas de avaliar a relevância das revistas nas quais artigos científicos são publicados, trabalha-se hoje com medidas quantitativas. Um das medidas mais usadas para isto é o fator de impacto (FI) atribuído aos periódicos. Para se chegar ao valor do FI de um periódico divide-se o número total de citações que artigos nele publicados recebem pelo número total de artigos publicados nesta revista num determinado período de tempo, mais comumente dois anos (Garfield, 2006).

Já para quantificar a produtividade dos pesquisadores, têm sido usados também índices quantitativos. O mais empregado entre estes é o Índice h que leva em consideração o número de artigos do pesquisador e o número de vezes em que os artigos do mesmo tenham sido citados (Costas e Bordons, 2007).

Existem diferentes bases de dados científicos nas quais tais revistas podem ser encontradas e que avaliam de formas diferentes os artigos nelas encontrados: o *Journal of Citation Reports* (JCR/ISI Web of Knowledge) da *Thompson Reuters*

Scientific (Leydesdorff, 2006); o PubMed/Medline (que apresenta artigos na área das ciências biomédicas) (Goetz T, Wilhelm von der Lieth, 2005); o Scopus, de propriedade da Elsevier, que publica diversos periódicos científicos (Bar-Ilan, 2008); e por último o Google Acadêmico: uma ferramenta que permite uma busca da literatura acadêmica, incluindo teses, livros, abstracts e artigos (Henderson, 2005). Por ser o JCR/ISI Web of Knowledge uma base de dados conhecida como uma fonte de dados científicos “concebida com a intenção de satisfazer seus usuários na análise de citações, uma área sobre a qual cientistas discutem e debatem a décadas” (Falagas et al., 2008), a mesma vem sendo utilizada para esse fim por instituições que precisam ter dados de produtividade de seus pesquisadores/pares e instituições avaliados.

Sendo o inglês a *língua franca* da ciência e consequentemente da qual os periódicos de maior importância mundial se utilizam ao publicar, escrever com proficiência nessa língua é uma necessidade para que se consiga atenção e reconhecimento internacional. Periódicos não publicados em inglês raramente tem reconhecimento internacional, mostrando que a língua pode ser um fator de vantagem/desvantagem neste caso. Países de língua inglesa ou com bom domínio da mesma tem melhor desempenho quando o assunto é publicar em inglês.

Considerada uma variável a mais a ser levada em conta, além do próprio conteúdo do artigo científico em questão, a utilização da língua inglesa nos meios acadêmicos é também uma dificuldade extra para os acadêmicos dos países que não tem a língua inglesa como idioma oficial. Isso pode ser visto mesmo nos países que apresentam destaque e tradição científica como a França e a Alemanha ou tecnológica como a Coreia e o Japão (González-Alcaide G. et al, 2012).

Pesquisadores de países que não tem o inglês como primeira língua podem tentar produzir seus artigos já desde a primeira versão em inglês, ou escrever em sua própria língua e recorrer ao uso da tradução por alguém que tenha pleno domínio da língua inglesa ou que tenha o inglês como seu primeiro idioma. Ainda assim, reconhece-se a dificuldade, muitas vezes encontrada, de dar à tradução o mesmo brilho ou intenção encontrados no texto original.

Como reflexo da penetração da língua inglesa no cenário científico mundial, inúmeros periódicos de pesquisa, mesmo em países que não têm a língua inglesa como primeiro idioma, publicam seus artigos exclusivamente em inglês. Alguns dos principais periódicos biomédicos brasileiros indexados na base de dados JCR/ISI Web of Knowledge (que permite análises bibliométricas, oferecendo ferramentas para a análise de citações, referências e índice h), tais como as revistas *Clinics* (Clinics, 2012), *Revista Brasileira de Psiquiatria* (RBP, 2012) e o *Brazilian Journal of Medical and Biological Research* (*Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 2012) adotam esta política.

1.1. A RELEVÂNCIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LÍNGUA INGLESA DE PESQUISADORES BRASILEIROS

Para um cientista brasileiro bem sucedido, ter conseguido incluir seus resultados em publicações de circulação e impacto internacional é visto como uma das principais evidências de que ele alcançou ou não seu objetivo maior. Porém, não sabemos se as pessoas que tem sucesso e conseguem publicar seus trabalhos só conseguem fazê-lo pela própria relevância de sua pesquisa e consequentes resultados obtidos ou por conseguir realizar uma tradução para a língua inglesa de uma forma correta e/ou satisfatória. A importância da utilização da língua inglesa é clara considerando-se suas aplicações em todas as áreas onde o conhecimento/reconhecimento queira ser alcançado.

O Brasil ocupa hoje uma colocação considerada muito baixa quando se fala em nível de proficiência em língua inglesa (46ª posição entre 54 países no ranking mundial – classificada no índice geral como Proficiência Muito Baixa) (EF EPI Report, 2012), abaixo da média da América Latina, sendo que o estado de São Paulo encontra-se em 4º lugar (Proficiência Baixa) na classificação do país, atrás dos estados do Rio de Janeiro, Paraná e Sergipe.

Mesmo com a dificuldade acima de disseminação do uso proficiente da língua inglesa no Brasil, a importância dos trabalhos publicados pelos pesquisadores brasileiros tem sido cada vez mais reconhecida no exterior e também avaliada em alguns estudos de pesquisadores de nosso país.

No campo da psiquiatria, psicobiologia e saúde mental como um todo, um estudo recente mostra que dobrou a participação das publicações da ciência brasileira em periódicos indexados pelo JCR/ISI Web of Knowledge entre 1998 e 2002

(Bressan, Gerolin e Mari, 2005). Como não houve neste mesmo período um aumento no número total de teses, pode-se afirmar que o que aumentou foi de fato o número e a qualidade dos artigos publicados por pesquisadores brasileiros.

Outro estudo sobre pesquisadores brasileiros realizado com informações cedidas pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) mostra o quanto conhecimentos em língua inglesa, produtividade em pesquisa e maior tempo na academia precisam ser levadas em conta quando se fala em publicações em periódicos indexados na base de dados do JCR/ISI Web of Knowledge (Vasconcelos et al, 2007). Outro estudo aponta erros na metodologia de pesquisa e outras questões de fundo educacional do país que se fossem melhoradas poderiam ajudar com o desenvolvimento do próprio conceito do que seja fazer ciência (Volpato, 2012). Outros autores ainda explicitam a necessidade de treinamento adequado para que se aumente a fluência na utilização da linguagem científica (Meneghini e Packer, 2007).

1.2. PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM LÍNGUA INGLESA NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE PSIQUIATRIA DA PÓS-GRADUAÇÃO DA FMUSP

Num levantamento realizado por Alvarenga e colaboradores (Alvarenga et. al, 2007), junto ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), um dos mais produtivos da Universidade de São Paulo, constatou-se que o número de publicações manteve-se relativamente constante no período de 2001 a 2006. Verificou-se, entretanto, um aumento significativo da proporção de artigos indexados pelo JCR/ISI Web of Knowledge, ou seja, com maior visibilidade internacional e atrelados a um maior fator de impacto científico, conforme mostra a Tabela 1 abaixo, extraída do artigo. Houve também aumento de publicação de artigos no PubMed/MEDLINE incluídas no estudo acima citado.

TABELA 1. Produtividade no período entre 2001 e 2006 do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP relacionada às bases de indexação de periódicos (Fonte: Relatório Capes Lafer e Gerolin, 2007).

Ano-base	Total de publicações	ISI	MEDLINE	Scielo	Lilacs
2001	100	19	40	43	43
2002	80	32	49	32	37
2003	96	38	52	24	29
2004	80	38	48	34	40
2005	106	59	72	32	46
2006	97	62	74	26	33

Este crescimento da produção dentro de um departamento forte da Faculdade de Medicina da USP se insere no contexto do aumento do alcance das pesquisas de

psiquiatria/neurociências realizadas no Brasil dentro do cenário mundial (Bressan, Gerolin e Mari, 2005).

Os cursos de pós-graduação no Brasil são acompanhados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) anualmente e avaliados trienalmente (CAPES, 2012). Em uma avaliação mais recente do Departamento de Psiquiatria da FMUSP apresentada no relatório CAPES 2011, verificou-se que houve no programa um forte aumento no número e impacto das publicações, demonstrados pelos seguintes indicadores, considerando o total de 100 artigos publicados:

- 90 (87%) são indexados no JCR/ISI Web of Knowledge;
- 77 (75%) com fator de impacto acima de 1,3;
- 55 (53%) com fator de impacto acima de 2,5;
- 21 (20%) com fator de impacto acima de 4,0.

Tais dados demonstram que houve um aumento não só quantitativo, mas principalmente qualitativo da produção intelectual. O mesmo relatório avaliou que os “discentes e/ou egressos publicaram 47 artigos (46% do total). A publicação discente tem se dado em revistas de alto impacto, sendo que 35 (74%) desses artigos foram publicados em periódicos com fator de impacto acima de 1,3 e 27 (57%) artigos em periódicos com fator de impacto acima de 2,5.” (FMUSP, 2012).

Esses últimos dados apresentados reforçam o primeiro levantamento acima citado (Alvarenga et. al, 2007) e nos dão ideia de que tem acontecido uma progressão

continua no que concerne ao aumento das publicações em periódicos indexados pelo JCR/ISI Web of Knowledge, dentro do Departamento de Psiquiatria da FMUSP.

1.3. A RELEVÂNCIA DA PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA INGLESA PARA PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM PERIÓDICOS INTERNACIONAIS

Dado o crescimento da produção científica da psiquiatria brasileira, é interessante questionar se há uma relação direta entre o conhecimento do idioma inglês entre os pesquisadores da área de psiquiatria e neurociências do Brasil e o sucesso obtido em termos de publicações internacionais de relevância científica.

Em outros países, estudos realizados sobre o tema dão conta de que as relações entre proficiência na língua inglesa e sucesso acadêmico estão profundamente ligadas, ainda que o sucesso acadêmico esteja relacionado a outros fatores além deste. Graham (1987) avalia uma sucessão de problemas em vários níveis começando pelo desenho e indo até a interpretação dos estudos incluindo: a) o critério para julgar o que seja sucesso acadêmico; (b) a validade de mensuração de proficiência em inglês; (c) a interpretação de quaisquer relações encontradas; e (d) o grande número de variáveis incontrolláveis envolvidas no sucesso acadêmico.

De grande importância para nosso estudo é a forma de avaliação dos níveis de proficiência inglesa. Muitas vezes, no passado, a proficiência da língua inglesa era avaliada em testes como o *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL), que segundo Graham (1987), nos daria uma visão bastante generalizada e limitada do conhecimento, visto que esse teste só avalia o conhecimento mais acadêmico

(estrutural) da língua do que realmente a forma/possibilidade de comunicação do avaliado. Há também o fato de que nos testes ditos "comerciais", que são usados para avaliação, a proficiência é definida por desempenho/resultado no teste (Graham, 1987).

Lyle Bachman (1990) nos lembra em seu livro:

“Como desenhistas e usuários de testes, todos sinceramente queremos que nossos testes sejam os melhores instrumentos de medida possível. Assim há sempre a tentação de interpretar os resultados como absolutos, isto é, como uma evidência inimputável da extensão da habilidade que determinado indivíduo possua da língua em questão. Isso é compreensível, desde que certamente ajude em tomada de decisões educacionais mais corretas e resultados de pesquisas mais convincentes. Contudo, sabemos que nossos testes não são perfeitos indicadores das habilidades que queremos medir e que os resultados dos testes devem sempre ser interpretados com cautela. A base mais valiosa que há para manter isso em mente pode ser descoberta, eu creio, na compreensão das características das medidas das habilidades mentais e as limitações destas características encontradas em nossa interpretação dos resultados dos testes. Essas limitações podem ser de dois tipos: limitação da especificação e limitação na observação e quantificação.”(Bachman, 1990).

Esses são dados a serem considerados e enquanto as controvérsias se avolumam, levam a discussão a patamares tais como conhecimento instrumental/linguístico versus competência comunicativa e a importância de cada uma delas. Bachman define competência comunicativa como “a capacidade de utilizar tanto o conhecimento instrumental da língua (regras e estruturas gramaticais)

quanto conhecimentos específicos que são usados na comunicação, incluindo-se aí conhecimento sobre o discurso da comunidade em que se insere ou onde se faz uso da comunicação” (Bachman, 1991).

Deve-se ainda considerar que a proficiência na língua inglesa não garante algo que é de extrema importância quando se redige um texto científico, qual seja a familiaridade com o uso da linguagem científica. A linguagem científica é mais específica e com características nem sempre iguais à língua formal e com regras próprias de uso dentro de seu universo acadêmico/científico. ”O inglês científico se tornou uma ferramenta de comunicação em um mundo menos erudito, que consiste daqueles que querem aprender e ensinar o conhecimento” (Meneghini e Packer, 2007).

1.4. ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE SUCESSO ACADÊMICO E PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA

Vários estudos recentes vêm investigando empiricamente a relação entre língua e resultado acadêmico (Shi et al., 2001; Man et al., 2004; Bayliss D. e Raymond P.M., 2004; Vasconcelos S.M.R. et al., 2008). Uma destas pesquisas foi realizada em Hong Kong, com alunos estudantes de medicina que usavam inglês apenas na vida acadêmica, pois entrevistavam os pacientes em Cantonês e tinham que se reportar ao seu responsável em inglês (Shi et al., 2001). Neste estudo, muitos problemas apareceram devido à complexidade da tarefa de realizar uma tradução simultânea que exigia síntese, interpretação, e compreensão da informação de uma

segunda língua. Entre os problemas detectados gerados por essa situação, estava a dificuldade em utilizar tempos de verbo corretos durante a realização de suas tarefas junto aos pacientes dentro do hospital no qual realizavam sua residência, o que podia levar a erro médico ou perda de tempo no atendimento feito aos pacientes, isso em uma universidade que tinha mais da metade de suas aulas dadas em língua inglesa, mas cujos alunos só se comunicavam em cantonês em situações da vida cotidiana (Shi et al., 2001).

Em uma situação de avaliação para proficiência versus sucesso acadêmico, constatou-se em um estudo da Universidade de Ottawa no Canadá, que a relação entre compreensão de leitura e sucesso acadêmico é mais estreita a partir da capacidade para discernir o que se lê, sendo o que torna possível alcançar, em medida maior, tal sucesso (Bayliss e Raymond, 2004). Esse mesmo estudo tenta demonstrar as diferenças entre inglês como segunda língua (*English as Second Language*; ESL) com alunos oriundos da China que frequentam cursos de *Master Business Administration* (MBA), cuja segunda língua é o inglês, e outro grupo que faz um curso de Direito ministrado em francês, mas que tem o francês como segunda língua. As conclusões mostram que as relações entre o conhecimento da segunda língua, não só o instrumental como a capacidade de comunicação em si, não são os únicos fatores que podem auxiliar na predição do sucesso acadêmico, mas que sua importância é fundamental para o alcance do mesmo.

Num outro estudo realizado por pesquisadores baseados no Canadá (*University of British Columbia e University of Alberta* entre outros centros de pesquisa), Man et al. (2004) compilaram todos os artigos de pesquisa publicados em cinco revistas médicas de altíssimo impacto entre 1997 e 2001, e identificaram aqueles nos quais o

país de origem do autor correspondente pertencia a nações de língua não inglesa. Usando escores no TOEFL, os autores investigaram a relação entre proficiência na língua inglesa e o número de publicações, e identificaram uma correlação significativa ($r>0,7$; $p<0,01$) entre estas duas variáveis. Deve-se notar que esta correlação foi mais significativa do que aquela identificada entre o investimento financeiro do país em pesquisa e o número de publicações ($p<0,04$) (Man et al., 2004).

No Brasil, um estudo sobre a relação entre conhecimento em língua inglesa e sucesso em publicações internacionais foi realizado recentemente com 51.223 pesquisadores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Vasconcelos et al., 2007). Questionados sobre seus níveis de proficiência em língua inglesa (declarados por eles mesmos) descobriu-se que aqueles que se declararam com “bons níveis” de conhecimento da língua inglesa tiveram maior êxito na publicação. Os sujeitos foram avaliados em nove categorias de acordo com o número de publicações realizadas. Outra conclusão que daí se pode tirar também é que escritores mais experientes estão mais estabilizados na academia e conseguem publicar mais facilmente que os iniciantes. Os que se declararam como com “poucos conhecimentos em escrita” também tiveram uma significativa barreira para conseguirem ser publicados nos periódicos (Vasconcelos et. al., 2007).

Num artigo subsequente apresentando análises estatísticas mais detalhadas realizadas sobre este banco de dados (Vasconcelos et al., 2008), os mesmos autores demonstraram altos índices de correlação entre a proficiência em língua inglesa autodeclarada por pesquisadores e sua produtividade científica, tanto no que diz respeito ao número de artigos inseridos no JCR/ISI Web of Knowledge, número de

citações recebidas por estes artigos, e o índice h dos autores (Vasconcelos et al., 2007). Deve-se ressaltar que na amostra estudada, 33,8% dos pesquisadores respondentes à pesquisa consideravam-se plenamente proficientes em Inglês de forma abrangente (incluindo habilidades de escrita, fala, escuta e leitura). Especificamente em relação à escrita, 44,4% dos pesquisadores classificaram-se como de bom nível, 35,2% de nível razoável e 13% de nível pobre (Vasconcelos et al., 2008). Visto que neste estudo não foram obtidos índices objetivos de proficiência em língua inglesa, é possível que os voluntários da pesquisa tenham superestimado sua competência para escrever em inglês.

Há dados indicativos de que países de língua inglesa e do norte da Europa têm as mais altas taxas de publicação nos cinco maiores e mais importantes periódicos de medicina, enquanto países asiáticos têm os menores índices de publicação (Man et al., 2004). Tempo de pesquisa e proficiência na língua inglesa foram fortemente associados com artigos publicados nos maiores periódicos médicos. Esses dados não podem ser considerados definitivos devido à sua natureza observacional, mas eles sugerem que para periódicos médicos de língua inglesa, o fato de terem suporte de fundos de pesquisa e proficiência em língua inglesa podem ser importantes determinantes de publicação (Man et al., 2004).

Então, nossas suspeitas recaem sobre a seguinte dúvida: ter um melhor conhecimento e/ou boa assistência com a língua inglesa torna possível o sucesso de tais trabalhos nas publicações internacionais? Os pesquisadores que conseguem alcançar o objetivo de terem seus trabalhos publicados têm que tipo de história com a língua inglesa? Tiveram acesso a ela desde muito cedo em suas vidas ou tiveram de aprendê-la depois de alcançarem a vida adulta? Qual seu nível de relação e

proximidade com a língua? Que tipo de assistência ou suporte eles buscaram e efetivamente tiveram para realizarem a tradução de seus artigos? Que outros fatores estariam relacionados à facilidade de aceitação de seus artigos por periódicos internacionais que publicam em língua inglesa? A habilidade de seus supervisores para publicarem em periódicos de alto impacto teria influenciado nos seus próprios resultados?

Os pesquisadores e suas relações com a língua inglesa são o objeto desta dissertação. Atualmente sabemos que no Brasil a pesquisa nas áreas de psiquiatria, psicobiologia e saúde mental contam com um grande número de cientistas e que a relevância de seus estudos pode ser confirmada pelo aumento de citações nos periódicos catalogados pelo JCR/ISI Web of Knowledge. Entretanto, como visto acima, avaliações sobre relação entre proficiência em língua inglesa e sucesso acadêmico em termos de quantidade e qualidade de publicações científicas foram escassas até hoje, e nenhum estudo investigou empiricamente a presença de associações significativas entre o conhecimento prévio do indivíduo em língua inglesa e o sucesso obtido em publicações científicas na área de Psiquiatria levando em conta medidas objetivas de proficiência em língua inglesa. Serviços de pós-graduação são alvos interessantes para este tipo de investigação, já que os mesmos treinam pesquisadores menos experientes, para os quais se pode supor que o grau prévio de proficiência em língua inglesa deveria ter influência decisiva na facilidade de aceitação de manuscritos para publicação em periódicos de maior impacto. Além disso, estudos quantitativos neste campo permitem que sejam levados em conta, nas análises estatísticas, não só a influência de medidas objetivas de proficiência em língua inglesa, mas também outros fatores sejam estes relacionados à habilidade dos

próprios supervisores de pesquisa para publicar em periódicos de alto impacto, ou ainda elementos relativos ao acesso dos estudantes a serviços de tradução para a língua inglesa. Num cenário em que a quantidade e o impacto de publicações são produtos cada vez mais valorizados na classificação de serviços de pós-graduação em países como o Brasil, tal tipo de investigação pode ser relevante para embasar políticas de gestão dos serviços de pós-graduação em Psiquiatria em nações emergentes.

2. OBJETIVOS E HIPÓTESES

2.1 Objetivos

- Usando como amostra um grupo de pós-graduandos do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, realizar levantamento do conhecimento de língua inglesa dos mesmos com base em autoavaliação através de questionário, complementando tal medida com dados objetivos de prova de proficiência na língua.
- Avaliar as relações existentes entre o conhecimento/proficiência em língua inglesa, e a quantidade de artigos e o sucesso obtido nas publicações científicas em periódicos de impacto.
- Investigar se a proficiência em língua inglesa exerce influência significativa sobre a produção científica dos pós-graduandos e se tal influência se mantém significativa se leva em conta também a contribuição relativa da competência científica do orientador.
- Investigar as formas de acesso à tradução para a língua inglesa das quais os estudantes de pós-graduação fizeram uso para produzir seus artigos científicos.

2.2 Hipóteses

- A classificação dos sujeitos avaliados, com base num teste objetivo de fluência em língua inglesa, irá demonstrar que a frequência de altos índices de proficiência em Inglês será menor do que aquela que tem sido autodeclarada por pesquisadores brasileiros (44,4%) em estudos recentes (Vasconcelos et al, 2008).

- Haverá uma relação direta significativa entre os escores de conhecimento/proficiência em língua inglesa autodeclarada e os indicadores de sucesso obtido nas publicações científicas, incluindo: (1) número de artigos relacionados à tese aceitos para publicação em periódicos JCR/ISI Web of Knowledge; e (2) fator de impacto (FI) dos referidos periódicos.

- Haverá uma relação direta significativa entre os escores objetivos de conhecimento em língua inglesa e os indicadores de sucesso obtido nas publicações científicas descritas acima (número de artigos e fator de impacto dos periódicos).

- A relação direta entre os índices de proficiência em língua inglesa e os indicadores de sucesso obtido nas publicações se manterá significativa mesmo quando forem levadas em conta as habilidades de pesquisa dos orientadores mensuradas através de índices de citação das publicações destes pesquisadores.

3. METODOLOGIA

3.1. Desenho Experimental

Este é um estudo de corte transversal no qual obtivemos, de um grupo de pós-graduados do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, informações sobre seu nível de proficiência na língua inglesa, a fim de verificarmos o quanto tal conhecimento prediz sucesso nas metas finais da pós-graduação quais sejam as publicações dos resultados das pesquisas em periódicos científicos de impacto.

3.2. Amostra

A amostra consistiu de pós-graduados (Mestrado e Doutorado) do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, graduados entre julho de 2009 e maio de 2011. Este serviço de pós-graduação apresenta regras objetivas no que diz respeito ao incentivo dos pós-graduandos a publicarem os resultados de suas pesquisas. Todos os estudantes (mestrado e doutorado) só podem defender suas teses se tiverem submetido seus resultados para publicação em periódicos indexados no JCR/ISI Web of Knowledge. Segundo as regras de elegibilidade até 2010, para os candidatos a mestrado, além do mérito do projeto era necessário ter um artigo aceito para publicação como primeiro autor em periódico indexado no Scielo (banco de dados científicos, que inclui ferramentas que permitem a avaliação de periódicos, desenvolvido para atender às necessidades de comunicação científica entre países da América Latina e Caribe) ou superior. No caso de doutorado com mestrado, o critério consistia no mérito do projeto e também ter um artigo como primeiro autor (contendo dados originais) aceito em periódico indexado no JCR/ISI Web of Knowledge. E

ainda, no caso de doutorado direto, o critério consistia no mérito do projeto e ser primeiro autor em pelo menos um artigo com dados originais aceito em periódico indexado no JCR/ISI Web of Knowledge. Os orientadores são também avaliados periodicamente em termos da quantidade e impacto de suas publicações trienalmente.

O Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP é avaliado trienalmente pela CAPES e recebeu o conceito 6 (nível internacional) nos dois últimos triênios.

A fim de permitir a verificação do quanto o conhecimento em língua inglesa pode ser preditor do sucesso nas metas finais da pós-graduação, foram obtidas as listagens gerais dos nomes dos indivíduos aprovados durante o período retrospectivo citado anteriormente, para o presente projeto. Obtidos os nomes, convidamos a participar do estudo todos os que se graduaram nesse período, num total de 46 possíveis sujeitos, sendo 30 mestrados e 16 doutorandos.

Critérios de inclusão

- Português como primeira língua, com residência permanente no Brasil durante o período de alfabetização na infância.
- Aprovação em defesa pública de dissertação de mestrado ou tese de doutorado na Psiquiatria da FMUSP há, no mínimo, 6 meses e no máximo 2 anos.

Critérios de exclusão

- Sujeitos que tivessem o idioma inglês como segunda língua, incluindo-se aí filhos de estrangeiros que possuíam inglês como primeira língua e que usavam o inglês como língua predominante para comunicação interpessoal, e/ou indivíduos que

foram educados durante o período de ensino fundamental em escolas no Brasil que usam o inglês como língua oficial.

3.3. Instrumentos para avaliação dos sujeitos

3.3.1. Questionário de autoavaliação

O questionário preparado para o presente projeto contém 32 questões e foi dividido em três partes (Parte A, B e C) (vide Anexo 1). O mesmo foi montado com o objetivo de buscar entender quais os caminhos de aprendizado e utilização da língua inglesa e quanto essa utilização poderia afetar, seja facilitando ou dificultando, a publicação e posterior resultado dos artigos referentes à dissertação/tese de nossos sujeitos.

A Parte A apresenta 9 questões, todas de múltipla escolha, e busca explorar todo o histórico dos sujeitos com a língua inglesa (desde idade em que iniciaram os estudos, até levantamento de possíveis motivações/motivadores para tal).

A Parte B consta de 7 questões no total, sendo 6 de múltipla escolha e uma questão aberta; as primeiras 6 questões buscam a opinião dos pesquisados sobre como avaliam seus conhecimentos de língua inglesa e uma questão aberta, também autoavaliativa, pergunta se estes escrevem bem, seja em inglês ou português. Esta parte foi preparada adaptando questões do instrumento utilizado no estudo realizado por Vasconcelos et al. (2007).

A Parte C apresenta 16 questões sendo 9 abertas e 7 de múltipla escolha e buscam informações sobre quantidade de publicações, nível de dificuldades na época

da preparação, submissão e revisão do primeiro artigo para a dissertação/tese e rotinas e obstáculos na submissão e revisão de um artigo .

Sob a orientação da Prof^a. Dra. Anna Maria Grammatico Carmagnani, professora assistente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, foram também incluídas no questionário um total de 10 questões abertas com o objetivo de adicionar ao estudo uma avaliação descritiva das opiniões dos entrevistados a respeito do processo de publicação de artigos relacionados à tese e influência da proficiência inglesa neste processo. Tais questões abertas abordaram: histórico do primeiro artigo em inglês (quantos e quais artigos, nível de dificuldade na redação do(s) mesmo(s); suporte na preparação do mesmo (que tipo de assistência houve na elaboração, etapa em que tal assistência ocorreu, revisões que o artigo recebeu); problemas de linguagem no manuscrito ou outros apontados pelos editores dos periódicos para os quais os artigos dos estudantes foram submetidos para publicação; se no caso de dificuldades para que seus primeiros artigos fossem aceitos, se eles acreditavam que teriam havido outros motivos que não fossem a linguagem ou o conteúdo científico dos mesmos que tivessem influenciado tal recusa; se houve maior preparo ou maior suporte na confecção de artigos que sucederam o primeiro artigo para a tese; como os sujeitos avaliam sua forma de escrever, seja em inglês ou em português; e quanto os entrevistados julgavam que seu nível de inglês havia melhorado após a confecção do seu primeiro artigo para publicação em periódico de língua inglesa.

Antes que iniciássemos o estudo propriamente com os sujeitos, realizamos um estudo-piloto com 12 pesquisadores mais experientes nas áreas de Psiquiatria e Saúde Mental oriundos do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, com teses de

doutorado defendidas há mais de cinco anos e com publicações em periódicos de destaque internacional. Esta etapa-piloto teve como objetivo buscar aperfeiçoamento e ajustes do questionário, tendo sido aceitas diversas sugestões destes entrevistados.

3.3.2. Prova objetiva de conhecimentos em língua inglesa

No questionário descrito acima, incluímos uma questão indagando se os entrevistados aceitariam realizar uma prova de proficiência em língua inglesa presencial, aplicada pela nossa equipe, de forma que pudéssemos avaliar objetivamente o conhecimento de língua inglesa dos mesmos após a defesa de suas teses / dissertações. Os entrevistados, em sua maioria, responderam não estarem disponíveis para participar desta etapa (60% de respostas negativas).

Por outro lado, uma das exigências para que qualquer aluno seja admitido no programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP é a realização de uma prova que teste os conhecimentos do candidato na língua inglesa, com nota mínima de 50% de pontos para mestrado e 60% de pontos para o doutorado. Os testes aceitos são o TOEFL e outro teste específico para admissão neste serviço de pós-graduação realizado pela Cultura Inglesa. Impossibilitada a realização da prova ao final do curso de nossos sujeitos, a disponibilização destas notas de ingresso tornou-se, assim, uma alternativa como medida objetiva de proficiência dos sujeitos da pesquisa.

O TOEFL é uma prova de proficiência em inglês, composto de: 16 questões de múltipla escolha avaliando a habilidade de ler e compreender textos, a estrutura de escrita e habilidade para escrever; consiste ainda de uma prova de conversação (avaliando a habilidade de comunicação falada); compreensão de variados textos (de

3 a 5); prova oral (no qual se testa a habilidade para compreensão auditiva) e duas redações.

Já o teste realizado pela Cultura Inglesa (especialmente para o Departamento de Psiquiatria da FMUSP) contém 50 questões de múltipla escolha, sobre quatro textos – extraídos de livros e periódicos constantes da bibliografia típica dos cursos ministrados pela FMUSP, e que estão disponíveis em sua biblioteca.

Visto que houve variação no número de alunos que fizeram cada uma das duas provas, e como as notas do TOEFL e do teste da Cultura Inglesa são medidas de forma diferente, foram normalizadas a uma escala de 100 pontos, através de regra de três para obtenção de equivalência entre os dois tipos de escores para que os mesmos pudessem ser usados dentro de uma única variável.

3.3.3. Procedimentos para aquisição de informações

3.3.3.1. Questionário

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa, primeiramente, através de carta enviada por meio eletrônico (e-mail), a endereços dos estudantes obtidos junto à Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP. A instrução dada aos convidados era de que acessassem determinado endereço de página da internet, onde responderiam questões abertas e de múltipla escolha.

3.3.3.2. Notas do teste de inglês para ingresso no Programa de Pós-Graduação

Foram obtidas, junto à secretaria de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, as notas (anonimizadas) dos testes de inglês, tanto do TOEFL quanto dos testes da Cultura Inglesa, pelos candidatos à época de sua admissão para a pós-graduação (nota de entrada).

3.3.3.3. Informações adicionais

Fez-se necessário ainda extrair outras informações a respeito dos sujeitos, incluindo o total de artigos declarados pelos autores (prazo que ia de 2006 até 2011), e verificação de quantos destes artigos relataram artigos originais de pesquisa e tiveram o pós-graduando como primeiro autor. Além disso, foram levantados o FI das revistas nas quais os artigos foram publicados e o índice h dos orientadores de cada tese.

As informações acima foram obtidas a partir das seguintes fontes: Currículo Lattes dos sujeitos e de seus orientadores (atualizados na data de 21 de maio de 2012); páginas da internet dos periódicos nos quais os artigos foram publicados; na página do PubMed/MEDLINE na internet; e na página da JCR/ISI Web of Knowledge na internet.

Caso necessitem, todos os pós-graduandos têm acesso a serviços gratuitos para revisão em língua inglesa de seus artigos científicos antes que os mesmos sejam submetidos para publicação. Tal informação foi obtida, de forma anonimizada, da Secretaria de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP.

3.4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise estatística dos dados do projeto foi programada para ser realizada em duas etapas.

A primeira etapa, descritiva, consistiu na tabulação das notas obtidas pelos sujeitos nas provas de avaliação de proficiência na língua inglesa no momento de admissão no programa de pós-graduação, e do cálculo de frequências que seus artigos tenham sido aceitos, número total de artigos relacionados à tese aceitos para publicação em periódicos internacionais classificados em periódicos JCR/ISI Web of Knowledge, e fatores de impacto dos referidos periódicos e índices h dos orientadores.

Na segunda etapa, foram utilizados métodos de análise de regressão múltipla a fim de investigar a possível influência da proficiência em língua inglesa e de outros fatores relacionados ao sujeito ou ao orientador na quantidade ou impacto das publicações da amostra de sujeitos a partir dos seus trabalhos de pós-graduação. Foram realizadas análises separadas para cada uma das duas variáveis de desfecho, quais sejam: o número total de artigos relacionados à tese do aluno aceitos para publicação em periódicos internacionais classificados em periódicos JCR/ISI Web of Knowledge; e o fator médio de impacto dos referidos periódicos onde os artigos foram aceitos para publicação (média de impacto com pós-graduando como primeiro autor). Para o número total de artigos publicados foi utilizado um modelo de regressão de Poisson por se tratar de uma variável de contagem, enquanto que para o fator de impacto médio dos referidos periódicos nos quais o artigo foi aceito para publicação, usou-se um modelo de regressão linear. Em todos os casos, as variáveis nota de entrada do teste realizado para admissão no programa de pós-graduação, a

proficiência autodeclarada em inglês, se houve assistência na tradução do artigo (fosse à correção da versão final do manuscrito, correção da versão inicial, versão total ou sem nenhum tradutor) e o índice h do orientador foram as variáveis explicativas (independente). A correlação entre a nota de entrada (teste de língua inglesa) obtida no ingresso da pós-graduação e a autodeclaração foi medida pelo coeficiente de Pearson. Associação entre uso de tradução de terceiros e nota de entrada, autodeclaração escrita e leitura foi feita pela correlação bisserial. Em todas as análises, o erro tipo I foi fixado em 5% e todos os testes foram bicaudais. As análises foram conduzidas utilizando o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) v.14.

3.4.1. Avaliação descritiva das respostas a questões abertas do questionário

A fim de permitir que fossem feitas inferências mais detalhadas a respeito dos depoimentos dos sujeitos e gerar hipóteses para investigações futuras, realizamos uma seleção e descrição das respostas mais detalhadas e informativas dos sujeitos avaliados. As questões selecionadas para esta etapa davam a abertura para que buscássemos entender de forma mais geral o posicionamento que os sujeitos tinham sobre todo o processo de escrever em inglês e a forma como encaravam suas dificuldades e as maneiras de encontrarem soluções para as dificuldades. As questões selecionadas foram as seguintes: a questão sete da parte B: *“De forma geral e independentemente de ser em português ou inglês, você diria que escreve bem? Justifique:”* e a questão três da parte C: *“Qual foi o nível de dificuldade encontrado por você ao redigir o primeiro artigo científico em língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação)?”*.

4. RESULTADOS

4.1. Dados demográficos e proporção entre mestrandos e doutorandos

A amostra inicial era de 46 sujeitos. Ao primeiro chamado da carta via e-mail, poucos sujeitos (menos de 10%) responderam. Os candidatos foram procurados então em outros endereços eletrônicos e posteriormente por telefone, na intenção de que participassem da pesquisa. Por último, uma carta do orientador, enviada a seis dos sujeitos que não haviam respondido/participado, convidava-os *novamente* ao esforço de preenchimento da pesquisa. Ao final, do total de sujeitos elegíveis para o estudo, apenas três não participaram (um não pôde ser encontrado; um propôs-se a participar após contato telefônico, mas não o fez; e o terceiro, após preencher o questionário, pediu que seus dados fossem retirados da pesquisa sem fornecer uma justificativa para tal recusa). O número final então foi de 43 pós-graduandos do Departamento de Psiquiatria da FMUSP.

A Tabela 2 abaixo mostra os dados demográficos e a proporção entre dissertações de mestrado e teses de doutorado na amostra estudada. A maioria dos participantes é formada de mestrandos.

Tabela 2. Dados demográficos

		N	%
Gênero	Masculino	16	37,2
	Feminino	27	62,8
Curso	Doutorado	15	34,8
	Mestrado	28	65,2

4.2. Medidas de avaliação objetiva de proficiência em língua inglesa

A média das notas obtidas nas provas de proficiência em língua inglesa por nossos pesquisados para admissão no programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP foi de 79,12 (DP= 11,1 pontos). Do número total de sujeitos por nós listados, apenas dois (4,65%) foram admitidos tendo realizado o TOEFL; a maioria de nossa amostra (95,34%) foi avaliada pelo teste da Cultura Inglesa.

A Tabela 3 abaixo nos mostra a distribuição dentro do grupo das notas obtidas.

Tabela 3. Avaliação objetiva de língua inglesa

Notas	N	%	média	desv. pad.
entre 50 e 59	2	4,65	54	5,65
entre 60 e 69	7	16,27	64,1	3,67
entre 70 e 79	8	18,60	74,3	3,17
entre 80 e 89	19	44,18	84,1	2,40
entre 90 e 100	7	16,27	93,2	1,52
Totais	43	100	79,1	11,10

Pelos dados da Tabela 3, pode-se notar que mais que 60% dos sujeitos obtiveram notas acima de 80 (num total de 100 pontos possíveis).

4.3. Histórico de aprendizado de língua inglesa e autoavaliação

No questionário aplicado via internet, iniciamos perguntando sobre o histórico dos sujeitos com a língua inglesa: por volta de 48% revelou ter iniciado o aprendizado em língua inglesa até os 10 anos de idade, enquanto 44,18% teriam

iniciado tal formação até os 20 anos de idade. Aqueles que aprendiam inglês nas escolas oficiais e também em cursos de línguas somam 74% de nossos pesquisados. Dentro das famílias de nossos sujeitos, descobrimos ainda que mais de 62% dos pais deles não tinham conhecimentos avançados em língua inglesa; mais de 44% de ambos os pais tinham curso superior completo e mais de 50% de nossos pesquisados declararam não ter frequentado cursos específicos de inglês para escrita científica ou conversação. A Tabela 4 a seguir mostra os dados acima descritos.

Tabela 4. Histórico dos sujeitos com a língua inglesa

		n	%
Percepção da existência da língua inglesa	desde a infância.	29	67.44%
	na adolescência.	12	27.9%
	na idade adulta.	2	4.65%
Começou a aprender inglês	até os 10 anos de idade.	21	48.83%
	até os 20 anos de idade.	19	44.18%
	até os 30 anos de idade.	3	6.9%
	após os 30 anos de idade.	0	0%
Quanto a seus pais	ambos tinham conhecimentos avançados da língua inglesa.	4	9.3%
	nenhum deles tinha conhecimentos avançados da língua inglesa.	27	62.79%
	somente sua mãe tinha conhecimentos avançados da língua inglesa.	6	13.95%
	somente seu pai tinha conhecimentos avançados da língua inglesa.	6	13.95%
Quanto aos estudos de seus pais	ambos tinham curso superior completo.	19	44.18%
	nenhum deles tinha curso superior completo.	13	30.23%
	somente sua mãe tinha curso superior completo.	5	11.62%
	somente seu pai tinha curso superior completo.	6	13.95%
Você teve cursos de língua inglesa	apenas como matéria obrigatória das escolas oficiais.	9	20.93%
	tanto nas escolas oficiais como em cursos de língua inglesa.	32	74.41%
	apenas em escolas de língua inglesa.	2	4.65%
	nem em escolas oficiais ou em cursos de língua inglesa.	0	0%

Na sua família	seu pai e sua mãe achavam importante conhecer a língua inglesa.	33	76.74%
	somente sua mãe achava importante conhecer a língua inglesa.	4	9.3%
	somente seu pai achava importante conhecer a língua inglesa.	0	0%
	nenhum deles achava importante conhecer a língua inglesa.	6	13.95%
Você estudava inglês	para fazer provas na escola oficial.	9	20.93%
	para fazer provas na escola oficial e no curso de língua inglesa.	26	60.46%
	para fazer provas no curso de língua inglesa.	6	13.95%
	não estudava inglês nunca.	2	4.65%
Com relação à língua inglesa você tinha	curiosidade para conhecer músicas em inglês.	7	16.27%
	curiosidade para falar a língua inglesa.	20	46.51%
	vontade de ler textos em inglês.	11	25.58%
	não tinha vontade ou curiosidade em conhecer a língua inglesa.	5	11.62%
Curso específico (e. científica/conversação etc.)?	Não.	22	51.16%
	Sim, curso completo presencial.	5	11.62%
	Sim, curso completo à distância.	0	0%
	Sim, até o nível básico presencial.	5	11.62%
	Sim, até o nível básico à distância.	1	2.32%
	Sim, até o nível intermediário presencial.	5	11.62%
	Sim, até o nível intermediário à distância.	0	0%
	Sim, parei no nível avançado presencial.	5	11.62%
	Sim, parei no nível avançado à distância.	0	0%

Quando questionados sobre seu nível de conhecimento em língua inglesa, a grande maioria (mais de 83%) declarou ter conhecimento bom ou muito bom na época em que escreveu o primeiro artigo para a dissertação/tese. Foram também perguntados sobre áreas onde teriam maior dificuldade e maior facilidade atualmente; sobre suas habilidades em leitura, escrita, expressão oral e comunicação oral. Com relação a suas habilidades autodeclaradas de expressão oral, grande parte (62%) considera-se bom ou muito bom em tal quesito. O entendimento de suas habilidades autoavaliadas em compreensão oral também são cravadas por eles como boas e muito boas. Nota-se também que os únicos quesitos onde se autoavaliam

como excelentes são em leitura (27,9% dos entrevistados) e compreensão oral (6,9%) como apresentados nas Tabelas 5 e 6.

Tabela 5. Nível de inglês à época do primeiro artigo

		n	%
Conhecimento em língua inglesa/primeiro artigo científico para tese	Excelente.	0	0%
	Muito boa.	14	32,55%
	Boa.	22	51,16%
	Pouca.	5	11.62%
	Muito pouca.	2	4.65%
	Não sei avaliar.	0	0%

Tabela 6. Autoavaliação dos sujeitos quanto a seus conhecimentos em língua inglesa

		n	%
Área de maior dificuldade hoje	Leitura.	0	0%
	Escrita.	8	18.6%
	Expressão oral.	29	67.44%
	Compreensão oral.	6	13.95%
Áreas de maior facilidade hoje	Leitura.	39	90.69%
	Escrita.	0	0%
	Expressão oral.	2	4.65%
	Compreensão oral.	2	4.65%
Habilidade de LEITURA em língua inglesa hoje	Excelente.	12	27.9%
	Muito boa.	16	37.2%
	Boa.	14	32.55%
	Pouca.	1	2.32%
	Muito pouca.	0	0%
	Não sei avaliar.	0	0%

Habilidade de ESCRITA em língua inglesa hoje	Excelente.	0	0%
	Muito boa.	6	13.95%
	Boa.	21	48.83%
	Pouca.	15	34.88%
	Muito pouca.	1	2.32%
	Não sei avaliar.	0	0%
Habilidade de EXPRESSÃO ORAL em língua inglesa hoje	Excelente.	0	0%
	Muito boa.	5	11.62%
	Boa.	22	51.16%
	Pouca.	12	27.9%
	Muito pouca.	4	9.3%
	Não sei avaliar.	0	0%
Habilidade de COMPREENSÃO ORAL em língua inglesa hoje	Excelente.	3	6.97%
	Muito boa.	11	25.58%
	Boa.	22	51.16%
	Pouca.	6	13.95%
	Muito pouca.	1	2.32%
	Não sei avaliar.	0	0%

4.4. Dificuldades relatadas pelos pós-graduandos na época da preparação, submissão e revisão do primeiro artigo para a dissertação/tese

Os pós-graduandos indicam de muitas formas suas dificuldades: na elaboração dos textos em que foram auxiliados por orientadores (27,9%), coautores (16,27%), tradutores (20,93%), observando-se aí também aqueles que não lançaram mão de ajuda alguma (6,97%). Daqueles que buscaram ajuda na revisão do primeiro artigo relacionado à tese, 39,53% da amostra teve ajuda de um colega do meio acadêmico cuja língua materna ou segunda língua era o inglês; 23,25% fizeram-no com o auxílio de um profissional editor/revisor de inglês nativo; 11,62% com a ajuda de um profissional editor/revisor não nativo; e ainda 18,6% que utilizou serviços de

uma empresa especializada em edição de linguagem (*language editing service*) conforme indicado na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7. Assistência na preparação do artigo (inglês)

		N	%
Assistência na elaboração da tradução/primeiro artigo (tese)	Ausente.	3	6.97%
	Tradutor proficiente em língua inglesa.	9	20.93%
	Coautor proficiente em língua inglesa.	7	16.27%
	Colaborador internacional.	3	6.97%
	Orientador da tese ou dissertação.	12	27.9%
	Outra	9	20.93%
Assistência tradução/ primeiro artigo, em qual etapa isto ocorreu	Correção da versão final elaborada em inglês pelo próprio pesquisador.	23	53.48%
	Correção da versão inicial elaborada em inglês pelo próprio pesquisador.	8	18.6%
	Versão total para a língua inglesa.	5	11.62%
	Outra	4	9.3%
Revisão primeiro artigo em língua inglesa p/ tese não realizada por você	Uma empresa especializada em edição de linguagem ("language editing service").	8	18.6%
	Um profissional editor/revisor de inglês não nativo.	5	11.62%
	Um profissional editor/revisor de inglês nativo.	10	23.25%
	Um professor de inglês geral.	3	6.97%
	Um colega do meio acadêmico cuja língua materna ou segunda língua seja inglês.	17	39.53%

Ainda no tocante à utilização do serviço de revisão pago pelo Departamento de Psiquiatria da FMUSP, sabemos que 27,9% do total de nossos sujeitos (N= 12) fizeram uso do mesmo, sendo 17,24% dos mestrandos (N=5) e 46,6% dos doutorandos (N=7).

4.5. Correlação entre notas de admissão para pós-graduação no Departamento de Psiquiatria da FMUSP e proficiência autodeclarada

A correlação entre a avaliação realizada pelos testes oficiais de admissão no Departamento de Psiquiatria da FMUSP e da autodeclaração (leitura em inglês) é significativa na nossa amostra, como se vê na Figura 1 abaixo.

Figura 1. Correlação entre a nota de entrada (avaliação objetiva) e proficiência autoavaliada (leitura)

Gráfico de dispersão mostrando a correlação entre autodeclaração em leitura e nota de entrada

Tabela 8. Correlação entre nota de entrada de inglês (avaliação objetiva) na admissão no Departamento de Psiquiatria FMUSP e autodeclaração (total, escrita e leitura em língua inglesa).

	Nota de entrada	
	Correlação	Valor-p
Autodeclaração total	0,351	0,019
Autodeclaração escrita	0,392	0,009
Autodeclaração leitura	0,548	< 0,001

Tabela dos coeficientes de correlação de Pearson

A Tabela 8 acima mostra a correlação entre a nota de entrada do teste de língua inglesa realizado especialmente para admissão no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP com a autodeclaração sobre seus conhecimentos de inglês para a pesquisa. As correlações são todas significativas e de força mediana (entre 0,3 e 0,5) indicando que pessoas que tiveram maior nota de entrada declararam ter maior conhecimento da língua.

4.5.1. Relação entre uso de tradução por terceiros e índices de proficiência em língua inglesa

Não foi encontrada associação significativa entre a variável tradução de terceiros e as seguintes variáveis: notas objetivas ($F = 0,289$, $p = 0,833$), autoavaliação de proficiência em leitura ($F = 1,081$, $p = 0,369$), e escrita ($F = 0,297$, $p = 0,827$).

4.6. Produção científica dos pós-graduandos e seus orientadores

Na verificação dos textos produzidos por nossos pesquisados, classificamos tais publicações nas seguintes categorias: o número total de artigos declarados por eles, aqueles que fossem textos originais e textos nos quais eles constassem como primeiros autores. O total de artigos declarados pelos autores no prazo de 2006 até 2011 foi de 83 artigos: os sujeitos foram primeiros autores em 37 artigos; 72 artigos relataram resultados originais de pesquisa. O fator de impacto dos periódicos nos quais os artigos dos sujeitos foram publicados variou entre 0 e 12,759 e o índice h dos orientadores das teses e dissertações de cada um dos nossos pesquisados variou entre 3 e 33.

Na Tabela 9 abaixo, podem-se ver as médias e desvios padrões dos dados obtidos.

Tabela 9. Número de artigos, impacto e índice h dos orientadores

	Total de art. declarados	Artigos Originais	Artigos como 1º autor	Fator de Impacto	Índice h dos orientadores	Curso	n
M	1,60	1,35	0,60	1,19	12,21	Mestrado	28
DP	1,06	0,98	0,56	1,77	7,49		
M	2,53	2,26	1,33	3,13	14,73	Doutorado	15
DP	0,51	0,79	0,61	3,06	6,01		

Pode-se verificar que há um maior número de artigos publicados para o doutorado do que para o mestrado; no doutorado há uma média de 1,3 artigos publicados como primeiro autor (DP=0,61 pontos) enquanto que para mestrado a média é de 0,6 artigos publicados como primeiro autor (DP=0,56 pontos) (Tabela 9).

4.7. Análises de regressão múltipla relacionando índices de produção científica dos orientandos e proficiência em língua inglesa

As análises de regressão múltipla iniciais relacionaram o número de artigos publicados com participação dos pós-graduandos com as variáveis relacionadas à proficiência em língua inglesa autodeclarada, nota de entrada (teste de língua inglesa obrigatório para admissão no curso de pós-graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP), índice h do orientador e ajuda de terceiros na tradução. Tais análises não mostraram nenhum resultado significativo para quaisquer das habilidades declaradas (escrita, leitura, e total), seja quando foi usado o total de artigos aceitos para publicação ($LRT = 2,204$, $p = 0,974$), artigos originais ($LRT = 3,489$, $p = 0,900$) ou artigos que tinham o pós-graduando como primeiro autor ($LRT = 7,395$, $p = 0,495$).

As análises do mesmo tipo acima foram realizadas levando em conta impacto do periódico onde os artigos foram publicados ao invés do número total de publicações. Os resultados desta análise, usando o número total de artigos como primeiro autor e índices de proficiência autodeclarada, são mostrados na Tabela 10 abaixo. As variáveis que apresentaram relação significativa com o impacto das publicações dos pós-graduandos foram nota de entrada, índice h do orientador e ajuda na tradução de terceiros.

Tabela 10. Análises de regressão múltipla relacionando o impacto dos artigos com a proficiência em língua inglesa autodeclarada

Resposta	Preditor	Coef	EP	t	Valor-p
Média de impacto com pós-graduando como primeiro autor - 2010 ¹	Intercept	-4,809	2,864	-1,679	0,103
	Autodeclaração Geral	1,049	1,171	0,895	0,377
	Autodeclaração Escrita	-0,869	0,774	-1,123	0,269
	Autodeclaração Leitura	-1,118	0,773	-1,445	0,158
	Nota entrada	0,079	0,036	2,195	0,035
	Índice h orientador	0,121	0,053	2,269	0,030
	Tradução Terceiros	-	-	-	0,050
	Correção versão final	0,452	1,222	0,370	0,714
	Correção versão inicial	2,715	1,332	2,039	0,050
	Versão total	2,400	1,669	1,438	0,160
	Nenhum tradutor	0,000	-	-	-

Tais análises indicaram significância estatística para o índice h do orientador ($p=0,03$) e notas de entrada (prova objetiva) ($p=0,03$), bem como uma tendência a relação significativa com o grau de uso de ajuda na tradução do artigo ($p=0,05$).

O gráfico a seguir (Figura 2) demonstra a relação entre o índice h do orientador com o impacto do maior artigo original com o pós-graduando como primeiro autor - 2010. A inclinação da reta é exatamente o valor de 0,030 encontrado na regressão descrita acima.

Figura 2. Correlação - impacto do maior artigo (original) 2010 e Índice h do orientador

4.8. Avaliação descritiva das respostas às questões abertas do questionário

Como dito na seção de Métodos desta dissertação (item 3.5.1), selecionamos para avaliação qualitativa as questões de número 7 da Parte B do questionário: “*De forma geral e independentemente de ser em português ou inglês, você diria que escreve bem? Justifique:*”; e a de número 3 da Parte C do questionário: “*Qual foi o nível de dificuldade encontrado por você ao redigir o primeiro artigo científico em língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação)?*”. Nosso interesse por essas questões se deu devido à variedade e conteúdo informativo de muitas das respostas, que reproduzimos a seguir:

Questão 7 – Parte B - De forma geral e independentemente de ser em português ou inglês, você diria que escreve bem? Justifique:

Respostas:

- *Sim, escrevo muito bem. Sempre gostei muito de português e sempre foi a disciplina em que eu me saía melhor na escola. O inglês foi uma consequência, pois sempre gostei de línguas e sempre tive facilidade em aprender, o que me motivou a estudar não só o inglês, mas também o espanhol.*
- *Acho que escrevo bem, porque sempre gostei de ler, tanto em inglês como em português e sempre fui muito preocupada em ser bem compreendida. Gosto tanto de escrever que fiz disso parte importante do meu sustento. Hoje trabalho escrevendo materiais científicos.*
- *Sim, pois procuro escrever de forma correta, tanto semântica quanto gramaticalmente, trabalho as frases buscando tornar o texto o mais claro possível, reproduzindo de maneira fidedigna o meu pensamento.*
- *Sim, embora os desafios da escrita científica tornem necessário um contínuo aprimoramento. A habilidade da escrita é exercitada de modo cotidiano e nos últimos tempos tenho me organizado para fazê-lo.*
- *Acho que escrevo de maneira ainda confusa, em ambas as línguas. De maneira geral, reescrevo o texto, em português, cerca de cinco vezes. Em inglês, não tenho fluência na escrita.*

- *Acredito que sim, pois não tenho dificuldades na redação de textos para revistas e artigos. Mantenho a estrutura básica: introdução, conteúdo, conclusão e, sempre interligando as ideias e parágrafos.*
- *Sim. Acredito que a escrita é uma de minhas principais habilidades. Na minha defesa de mestrado, fui elogiada pela banca pela qualidade e coerência do texto da dissertação.*
- *Sim. Minha escrita tanto em inglês quanto em português é clara, coerente e concatenada. Tenho o costume rotineiro de escrever textos (não obrigatoriamente científicos) e poesias, algo que é muito valioso para ajudar a manter a arte de se expressar bem através da escrita. A leitura, obviamente, também faz parte das minhas atividades favoritas e, sem dúvida, colabora para a melhora do vocabulário, escrita e expressão de meu pensamento.*
- *Tenho habilidade e conhecimento acima da média em gramática portuguesa e mediana em língua inglesa. Considero que tenho facilidade e interesse por línguas, no entanto, conheço bem algumas estruturas mais formais e literárias em língua inglesa. Sinto dificuldade para falar mais informalmente o inglês. Na área científica, a leitura dos textos é facilitadora, mas o formato é repetitivo. Outra questão é ter de escrever ora para revistas americanas, ora inglesas, o que exige mais conhecimento.*
- *Diria que escrevo razoavelmente bem. Considero que minha escrita é boa porque procuro expressar as informações de forma clara, seguindo uma linha de raciocínio. Além disto, acredito que tenho bom conhecimento de*

regras gramaticais. No entanto, observo que me falta mais experiência na escrita de artigos científicos para que os textos tenham mais qualidade.

- *Sempre tive facilidade para escrever. Sempre gostei de escrever. Tenho vários capítulos e textos técnicos escritos, e procuro que o texto seja conciso e objetivo, trazendo ao leitor facilidade de compreensão.*

Questão 3 – Parte C - *“Qual foi o nível de dificuldade encontrado por você ao redigir o primeiro artigo científico em língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação)?”*

Respostas:

- *Dificuldade moderada, porém menor do que a encontrada para redigir o primeiro artigo científico relacionado à minha linha de pesquisa. Minha orientadora sempre orientou que artigos científicos devem ser escritos diretamente na língua inglesa, o que torna o artigo mais fluido, porém precisa de mais tempo para ser elaborado.*
- *Tive a felicidade de poder com grande ajuda do meu orientador ao redigir meu primeiro artigo; caso contrário, só teria conseguido se tivesse contratado ajuda profissional.*
- *Pequeno, pois fiz um mestrado à distância em epidemiologia pela London School Of Hygiene and Tropical Medicine de três anos de duração e todas as atividades eram em língua inglesa.*
- *Foi moderado, mais pela minha dificuldade pessoal em escrever. Tive uma coorientadora dos EUA, portanto as dificuldades com gramática e termos*

eram prontamente resolvidas durante as discussões do artigo - via email, Skype ou pessoalmente.

- *O nível de dificuldade foi médio, no entanto o artigo foi submetido à revisão que não trouxe mudanças significativas.*
- *Eu encontrei dificuldade em tecer o raciocínio de forma sintética e objetiva em outra língua.*
- *Altíssimo. Tive dificuldade em adaptar os termos científicos e as expressões utilizados. As palavras pareciam fugir da minha mente na hora da escrita e, ainda hoje quando releio o artigo, acho erros que considero graves, mas que não percebi no final da submissão.*
- *A dissertação foi terminada antes da publicação do artigo. A maior dificuldade foi conciliar todas as recomendações enviadas pelos pareceristas.*
- *Tinha dificuldades em encontrar vocabulários na língua inglesa que me permitissem expressar aquilo que gostaria. As frases que escrevia não ficavam exatamente como eu gostaria por falta de fluência na escrita.*
- *Eu tive dificuldade mediana, sendo necessária revisão por outro profissional para que me sentisse segura.*
- *Nível médio; sabia a mensagem que gostaria de passar, mas só me sinto segura com a revisão de um profissional.*
- *Dificuldade moderada, pois na verdade a leitura de artigos sobre o mesmo tem auxilia no aprendizado de termos técnicos e específicos do tema em questão.*

- *A maior dificuldade consistiu na redação da discussão do artigo, que envolvia tanto a reflexão sobre os dados quanto a escolha das palavras em inglês.*
- *Na verdade o artigo da minha dissertação não foi o primeiro artigo científico que redigi. Para o primeiro artigo diria que tive uma dificuldade nível médio. Para o artigo da minha dissertação diria pouca dificuldade.*
- *Como tenho dificuldade na escrita, pedi ajuda ao meu professor, além da minha orientadora, para a revisão do artigo.*
- *Comecei a escrever o artigo diretamente em inglês. A experiência mostra que uma tradução ou versão nunca pode ser literal, e alguma significância sempre se perde, por isso prefiro começar em inglês.*
- *A maior dificuldade é relacionada às normas da revista, afinal, todos os nossos artigos passam por revisor de inglês.*
- *Encontrei bastante dificuldade, pois nunca havia escrito um artigo em língua inglesa anteriormente e também porque procurei redigir diretamente neste idioma, sem ficar traduzindo a partir do português.*
- *Acredito que o nível de dificuldade foi médio, devido a ter pouco conhecimento na escrita de textos científicos em Inglês, apesar de ter bom conhecimento da língua inglesa de uma forma geral.*
- *Relativo. Na verdade utilizamos termos técnicos que se repetem em vários artigos, e o meu primeiro texto foi submetido aos demais autores, que fizeram suas observações, para posterior submissão. Dessa forma não houve grande dificuldade.*

- *Foi importante, necessitei de revisores nacionais e internacionais para ficar completamente compatível com a língua inglesa.*

4.8.1. Exemplos que ilustram o quanto a autoavaliação dos estudantes é positiva

Várias respostas dos sujeitos ilustram como a autoavaliação de nossa amostra é positiva em termos do domínio da língua inglesa. Em muitas respostas dadas para a *questão sete da parte B: “De forma geral e independentemente de ser em português ou inglês, você diria que escreve bem? Justifique:”* vê-se o grande número de exemplos de como esse grupo se viu ao produzir material escrito. Nossos sujeitos parecem ter um positivo autoconceito quando o assunto é a escrita. A grande maioria afirmou escrever bem e saber utilizar a língua como ferramenta de forma competente. Os sujeitos número 1, 2, 5 e 9 nos dizem:

(1)R: Sim, escrevo muito bem. Sempre gostei muito de português e sempre foi a disciplina em que eu me saía melhor na escola. O inglês foi uma consequência, pois sempre gostei de línguas e sempre tive facilidade em aprender, o que me motivou a estudar não só o inglês, mas também o espanhol.

(2)R: Sim. Acredito que meu vocabulário e minha articulação sintática permitam que eu me comunique de forma eficiente por meio da linguagem escrita.

(5)R: Escrevo bem, pois tenho forte preocupação em me inteirar conceitualmente sobre o tema que vou discorrer. Além disso, sou atenta a questões gramaticais e estruturais.

(9)R: Sim, pois procuro escrever de forma correta, tanto semântica quanto gramaticalmente, trabalho as frases buscando tornar o texto o mais claro possível, reproduzindo de maneira fidedigna o meu pensamento.

Nessa linha podemos entender que além de escreverem bem, terem bom vocabulário e cuidarem para tornar o texto mais claro, há a possibilidade de se comunicar em outras línguas (inglês e espanhol) indicando um conhecimento de mais de uma língua estrangeira, demonstrando o nível alto apresentado pela amostra. Outra resposta que vai nessa linha, é a resposta do sujeito 7:

(7)R: Acho que escrevo bem, porque sempre gostei de ler, tanto em inglês como em português e sempre fui muito preocupada em ser bem compreendida. Gosto tanto de escrever que fiz disso parte importante do meu sustento. Hoje trabalho escrevendo materiais científicos.

Quer dizer, além de escrever bem e buscar a compreensão daqueles que leem seu trabalho, escreve especificamente material científico. Outras respostas interessantes são as dos sujeitos 21, 28, 30 e 32, que mostra o quanto eles avaliam seus conhecimentos de escrita como sendo, pra dizer o mínimo, acima da média:

(21)R: Sim. Sempre tive muita facilidade de escrever e sempre fui muito elogiada a respeito da qualidade dos meus textos.

(28)R: Sim. Acredito que a escrita é uma de minhas principais habilidades. Na minha defesa de mestrado, fui elogiada pela banca pela qualidade e coerência do texto da dissertação.

(30)R: Sim. Minha escrita tanto em inglês quanto em português é clara, coerente e concatenada. Tenho o costume rotineiro de escrever textos (não obrigatoriamente científicos) e poesias, algo que é muito valioso para ajudar a manter a arte de se expressar bem através da escrita. A leitura, obviamente, também faz parte das minhas atividades favoritas e, sem dúvida, colabora para a melhora do vocabulário, escrita e expressão de meu pensamento.

(32)R: Tenho habilidade e conhecimento acima da média em gramática portuguesa e mediana em língua inglesa. Considero que tenho facilidade e interesse por línguas, no entanto, conheço bem algumas estruturas mais formais e literárias em língua inglesa. Sinto dificuldade para falar mais informalmente o inglês. Na área científica, a leitura dos textos é facilitadora, mas o formato é repetitivo. Outra questão é ter de escrever ora para revistas americanas, ora inglesas, o que exige mais conhecimento.

Na resposta do sujeito 30 acima, este afirma poder escrever até mesmo poesias, o que nos dá uma ideia de seu nível de conhecimento e, por que não dizer, de sofisticação ao se utilizar da língua através da escrita; a resposta que veio a seguir (sujeito 32) nos dá a informação de que o pesquisado aqui tem conhecimentos mais do que medianos em português, e conhece bem a língua inglesa, quando se considera o conhecimento da língua para situações de formalidade ou de situações de vida cotidiana. Outro ponto interessante desta fala é quando o sujeito destaca no que concerne ao formato repetitivo dos textos acadêmicos e a diferença de se escrever inglês para revistas

americanas ou inglesas (o que certamente demandaria maior conhecimento da língua inglesa e também de certos aspectos culturais inseridos e não mencionados nesta situação).

4.8.2 Conhecimento da língua versus linguagem técnica (respostas da questão 7/parte B)

Existem relatos que nos apontam mais claramente o problema que pode representar a pouca proximidade com a escrita científica; o sujeito 10 parece comentar o progresso que acontece com o mestrado e o doutorado, que poderíamos entender como uma evolução na própria escrita voltada para a linguagem técnica:

(10)R: Acredito que o mestrado e o doutorado propiciaram que eu escreva bem, com vocabulário adequado e seguindo as regras necessárias.

As respostas a seguir dos sujeitos 14 e 37 (abaixo) explicitam a relação com a linguagem técnica, da constante dificuldade para trabalhá-la e o quanto se faz necessária uma prática regular para o domínio da mesma.

(14)R: Sim, embora os desafios da escrita científica tornem necessário um contínuo aprimoramento. A habilidade da escrita é exercitada de modo cotidiano e nos últimos tempos tenho me organizado para fazê-lo.

(37)R: Diria que escrevo razoavelmente bem. Considero que minha escrita é boa porque procuro expressar as informações de forma clara, seguindo uma linha de

raciocínio. Além disto, acredito que tenho bom conhecimento de regras gramaticais. No entanto, observo que me falta mais experiência na escrita de artigos científicos para que os textos tenham mais qualidade.

4.8.3. Exemplos que ilustram o quanto os pós-graduandos acionam várias ajudas, ainda que sejam e se sintam proficientes

Buscamos então contrastar a informação dada através da questão sete, parte B com a informação encontrada na *questão três da parte C*: “Qual foi o nível de dificuldade encontrado por você ao redigir o primeiro artigo científico em língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação)?”. Algumas respostas mais informativas nos chamam atenção por darem conta de que a segurança para a escrita só é encontrada a partir do momento que há participação de outros na revisão (relatos abaixo dos sujeitos 2, 24, 25, 31 e 43):

(2)R: Alto, precisei de um revisor para adequar o texto.

(24)R: Eu tive dificuldade mediana, sendo necessária revisão por outro profissional para que me sentisse segura.

(25)R: Nível médio; sabia a mensagem que gostaria de passar, mas só me sinto segura com a revisão de um profissional.

(31)R: Alto. Uma tradutora traduziu o texto do português para o inglês.

(43)R: Foi importante, necessitei de revisores nacionais e internacionais para ficar completamente compatível com a língua inglesa.

Seguindo essa linha do que possibilita ao sujeito maior confiança, destaca-se nos relatos a seguir o papel do orientador, sendo este fundamental no momento da preparação da redação. Os sujeitos 5, 10, 12 e 33 nos contam.

(5)R: Dificuldade moderada, porém menor do que a encontrada para redigir o primeiro artigo científico relacionado à minha linha de pesquisa. Minha orientadora sempre orientou que artigos científicos devem ser escritos diretamente na língua inglesa, o que torna o artigo mais fluido, porém precisa de mais tempo para ser elaborado.

(10)R: Tive a felicidade de poder com grande ajuda do Dr. X (meu orientador) ao redigir meu primeiro artigo, caso contrário, só teria conseguido se tivesse contratado ajuda profissional.

(12)R: Foi moderado, mais pela minha dificuldade pessoal em escrever. Tive uma coorientadora dos EUA, portanto as dificuldades com gramática e termos eram prontamente resolvidas durante as discussões do artigo - via email, Skype ou pessoalmente.

(33)R: Como tenho dificuldade na escrita, pedi ajuda ao meu professor, além da minha orientadora, para a revisão do artigo.

4.8.4. O papel e a importância da escrita científica: considerações dos sujeitos

(respostas da questão 3/parte C)

Mostramos ainda outros relatos que foram mais na direção de problemas com a linguagem técnica e consequentemente com a escrita científica (sujeitos 1, 3, 7, 16, 23, 27, 32, 37, 39 e 41 abaixo):

(1)R: Tive dificuldades com alguns termos técnicos.

(3)R: Grau de dificuldade moderado. Principalmente para termos técnicos que depois foram incorporados.

(7)R: A dificuldade maior foi encontrar os termos adequados para descrever a metodologia estatística.

(16)R: Altíssimo. Tive dificuldade em adaptar os termos científicos e as expressões utilizadas. As palavras pareciam fugir da minha mente na hora da escrita e, ainda hoje quando releio o artigo, acho erros que considero graves, mas que não percebi no final da submissão.

(23)R: A linguagem científica colocada de forma resumida.

(27)R: Dificuldade moderada, pois na verdade a leitura de artigos sobre o mesmo tem auxiliado no aprendizado de termos técnicos e específicos do tema em questão.

(32)R: A dificuldade maior foi com a linguagem científica.

(37)R: Acredito que o nível de dificuldade foi médio, devido a ter pouco conhecimento na escrita de textos científicos em Inglês, apesar de ter bom conhecimento da língua inglesa de uma forma geral.

(39)R: Dificuldades relacionadas a termos técnicos/científicos.

(41)R: Relativo. Na verdade utilizamos termos técnicos que se repetem em vários artigos, e o meu primeiro texto foi submetido aos demais autores, que fizeram suas observações, para posterior submissão. Dessa forma não houve grande dificuldade.

5. DISCUSSÃO

5.1. Considerações metodológicas e limitações

Ao coletarmos dados da quase totalidade dos pós-graduandos (93,4%) que completaram seus cursos de pós-graduação estrito senso no período entre julho de 2009 e maio de 2011, nossa amostra adquiriu caráter censitário dentro do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP. Por certo, ter quase a totalidade e não apenas uma amostra da população do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, nos dá maior certeza do perfil dos sujeitos que estamos traçando. Por outro lado, em vista das especificidades das pesquisas em psiquiatria/neurociências, bem como as características do programa de pós-graduação estudado, não é possível afirmar que os resultados obtidos com esta amostra de pós-graduandos são generalizáveis para outras áreas do conhecimento científico no ambiente acadêmico brasileiro como um todo.

Deve-se também salientar as dificuldades ocorridas na obtenção de medidas objetivas de proficiência em língua inglesa. Inicialmente, nossa proposta era avaliar os pós-graduandos através de teste específico a ser realizado logo após o preenchimento do questionário proposto via internet. Contudo, a maioria dos sujeitos da nossa amostra não aceitou o convite que fizemos para participarem de mais um teste de avaliação de língua inglesa ao final da pesquisa, conforme indicaram as respostas fornecidas pelos pós-graduandos no próprio questionário aplicado via internet. Diante de tal recusa, decidimos então utilizar o único instrumento de avaliação objetiva a nós acessível: os testes para admissão no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da FMUSP (TOEFL e Cultura Inglesa).

Por um lado, a utilização dessas medidas objetivas já prontas nos propiciou um meio de conseguir uma avaliação mais objetiva do conhecimento do aluno no momento do ingresso no programa. Por outro lado, o fato de não termos conseguido aplicar outra prova objetiva ao final da pesquisa impediu que comparássemos e mensurássemos a transformação do conhecimento de língua inglesa possivelmente ocorrida durante o curso de pós-graduação.

O teste executado pelo TOEFL é considerado uma ferramenta que propicia um bom grau de discriminação dos diferentes níveis de proficiência em língua inglesa (Qian, 2002). No entanto, a grande maioria dos sujeitos do presente estudo realizou a outra prova fornecida pela Cultura Inglesa, prova esta que não passou pelos mesmos crivos de avaliação populacional usados para o TOEFL. Por outro lado, os princípios de elaboração da prova da Cultura Inglesa são consagrados, de forma que podemos inferir que as provas de admissão utilizadas no presente projeto propiciam boa discriminação a respeito do conhecimento de língua inglesa dos sujeitos, assegurando-nos que o conhecimento desta amostra é realmente de alto nível.

Em relação à escolha do tempo de amostragem, o período fixado de máximo de dois anos para a seleção do grupo estudado deveu-se ao entendimento de que a proficiência pode mudar substancialmente em tempos mais longos (Bachman, 1989). No entanto, se tivéssemos optado por um período de tempo mais amplo, teria sido possível coletar informações de um número maior de pós-graduandos no grupo por nós estudado, aumentando consequentemente o poder estatístico da amostra.

5.2. Nível de proficiência em inglês da amostra estudada e histórico do contato dos sujeitos com a língua inglesa

O aumento no número de publicações em periódicos indexados sugere que há um aumento da qualidade da produção científica e da produtividade dos programas de pós-graduação (Bressan, Gerolin e Mari, 2005). Existe uma percepção de que no Brasil, os pesquisadores tem conseguido alcançar um nível melhor no que concerne a utilização da língua inglesa para publicação, assim como da relevância da pesquisa realizada em nosso país. Enquanto a ciência é avaliada não só como conteúdo científico, mas, sobretudo como (“correta”) utilização da língua inglesa no contexto científico, o Brasil mostra que a produção acadêmica pode crescer num país que ainda apresenta muitos problemas no quesito educação (Volpato, 2012).

Mesmo sendo dominante no cenário científico, a língua inglesa não é a língua mãe da maior parte dos cientistas mundo afora (Meneghini and Packer, 2007). Por serem mais de 90 por cento dos periódicos de ciências naturais escritos em inglês (Hamel, 2007), há de se supor que os conselhos editoriais dos periódicos catalogados pelo JCR/ISI Web of Knowledge sejam compostos de uma maioria de pesquisadores de países desenvolvidos cuja primeira língua é o inglês, fato que possivelmente afeta a divulgação de conhecimento gerado em países cuja língua materna não é o inglês.

A maneira que os nossos sujeitos começaram o contato com a língua inglesa foi para nós objeto de consideração neste estudo e o histórico da população por nós estudada deu informações relevantes para entendermos um pouco mais sobre a idade (grande parte teve contato já na infância) na qual iniciaram seus estudos e o quanto isso

provavelmente influenciou no desenvolvimento para melhorar ou facilitar o conhecimento da língua em questão.

O grupo por nós estudado foi de pós-graduandos que em sua maioria iniciaram relativamente cedo seus estudos em língua inglesa, motivados por pais desde a infância ou início da juventude a conhecer/estudar a língua inglesa, tendo frequentado cursos de inglês extracurriculares. Em consistência com este *background*, as notas de proficiência em língua inglesa no momento da entrada na pós-graduação foram relativamente altas.

Inicialmente, acreditávamos que as respostas dos pós-graduandos ao questionário indicariam que tais pesquisados superestimam seus conhecimentos em língua inglesa. Firmamos nossa hipótese com base em estudos recentes (Vasconcelos et al., 2007), os quais demonstraram que aqueles que se declararam com bons níveis em inglês tinham tido um melhor aproveitamento acadêmico.

Como professor de inglês em empresas/escolas por mais de 28 anos, vi inúmeras vezes, pessoas afirmarem que entendiam muito bem a língua inglesa e que era possível que se comunicassem graças a esse entendimento, fato que depois de algumas aulas era totalmente desmentido pelo desempenho dos alunos durante as aulas, que nem sequer compreendiam o que lhes era dito nem tampouco tinham condições de manter uma comunicação mínima para qualquer pequena frase que quisessem expressar. É bastante comum que as pessoas generalizem que o entendimento de algumas palavras, expressões ou frases lhes deem a falsa ideia de que é possível a comunicação na língua inglesa, principalmente por haver um contato maior com essa língua em todos os níveis da vida cotidiana, seja através da televisão

(com seus programas “enlatados” americanos ou de outra nacionalidade que sejam falados em inglês) ou da internet e nas rotinas e expressões utilizadas dentro do local de trabalho. A possibilidade de entender uma ou outra palavra ou mesmo expressão nesta língua faz com que as pessoas se sintam mais autoconfiantes para comunicar-se em inglês.

No entanto, diferentemente da nossa previsão, o nível de conhecimento prévio em língua inglesa foi bastante alto não só em termos da autoavaliação dos estudantes, como também no que concerne às notas nos testes objetivos de proficiência em língua inglesa (com mais de 60% dos sujeitos apresentando notas acima de 80 num total de 100 pontos possíveis). Houve correlação linear significativa entre as notas objetivas nas provas de conhecimento em língua inglesa e os escores de autoavaliação de proficiência em leitura e escrita. Estes dados sugerem que nossa população avaliou-se de forma relativamente correta, nos dando a entender que nesses casos sua percepção de seu próprio conhecimento a cerca dessas habilidades é próximo ao resultado obtido com os testes de avaliação objetiva.

Portanto, não se confirmou nossa hipótese de que a classificação dos sujeitos avaliados, com base num teste objetivo de fluência em língua inglesa, iria demonstrar que a frequência de altos índices de proficiência em Inglês será menor do que aquela que tem sido autodeclarada por pesquisadores brasileiros (44,4%) em estudos recentes (Vasconcelos et al., 2008).

Certamente as provas objetivas para admissão no programa de Pós-graduação funcionam como um filtro tanto no que concerne à própria língua inglesa, mas também nos fazem pensar a cerca do nível educacional geral dos candidatos; em uma

cidade como São Paulo, a maior do Brasil, os estudantes geralmente buscam caminhos para complementar (ou melhorar) seus conhecimentos de inglês enquanto cursam o ensino médio ou a graduação no curso superior. Há ainda o fato de que a USP, sendo a universidade melhor situada em rankings internacionais (timeshigher education, 2012) consegue atrair, e também filtrar de maneira bastante objetiva para seus cursos de pós-graduação, estudantes com maior competência para utilização da língua inglesa.

Por outro lado, é relevante notar que as correlações lineares entre as notas objetivas nas provas de conhecimento em língua inglesa e os escores de autoavaliação de proficiência em língua inglesa tiveram maior significância no item leitura do que para o item escrita. Portanto, pode-se inferir algum grau de superestimação por parte dos pós-graduandos, visto que a força das correlações foi moderada, indicando que há aqueles que dizem saber escrever mais do que realmente sabem, enquanto outros subestimam sua proficiência em língua inglesa. O inglês científico, assim como o português científico, é outra língua, com seus símbolos, formas e sinais característicos (Meneghini e Packer, 2007). Assim como saber português possibilita o aprendizado de português científico, saber inglês certamente possibilita que o inglês científico possa ser mais facilmente aprendido do que se fosse necessário primeiro o ensino da língua formal para posteriormente ensiná-la em seu formato acadêmico.

A inspeção das respostas dos sujeitos às perguntas abertas do questionário também podem fornecer pistas indicativas de que há algum grau de superestimação dos estudantes quanto à sua capacidade de escrever na língua inglesa. Ao trabalharmos

com dados mais subjetivos, a avaliação descritiva se mostra uma ferramenta útil e porque não dizer, necessária, em nosso caso, para buscar captar dados que não puderam ser vistos quando utilizamos respostas de múltipla escolha. Nossas perguntas abertas procuraram dar espaço aos nossos sujeitos para que eles expressassem algo que ainda não havíamos vislumbrado ou mesmo pensado ao preparamos essa pesquisa. Tais questões nos mostram ainda o posicionamento dos sujeitos diante da situação escrever e de fazê-lo em inglês: afirmam ter ótimos conhecimentos de escrita e habilidade acima da média para se expressar quando escrevem; se sentem competentes, procuram ter bastante cuidado no preparo dos artigos; relatam que se sentem à vontade para buscar sua expressão em língua inglesa, pois afirmam conhecê-la (ao menos se levando em conta o que se chame de linguagem não científica ou cotidiana/informal!), que escrever faz parte de sua rotina, que acham que sua competência está acima da média.

Acreditamos que a superestimação, funcionando como uma defesa para o reconhecimento de suas limitações e dificuldades, pode prejudicar os sujeitos quando esses, ao não reconhecerem suas necessidades de busca de ajuda para escrever em inglês técnico, atrasem-se para buscar tal suporte ou ainda, que não reconheçam essa necessidade de ajuda. Quando tal superestimação é reconhecida ou mesmo levada em conta, pode-se direcionar as buscas para a solução de problemas no que concerne a tradução dos escritos dos estudantes.

5.3. Níveis de dificuldades declaradas pelos alunos e estratégias utilizadas para elaboração de artigos

Os resultados desta dissertação dão indicações de que houve dificuldades significativas por parte dos estudantes para produzir seus artigos em inglês. Essa nossa afirmação é suportada pelo número de sujeitos que precisaram de/utilizaram ajuda. Apesar dos bons níveis de conhecimento em língua inglesa (e a prova disso é que mais de 60% obteve notas acima de 80, em 100 possíveis) houve um alto grau de utilização de suporte para a tradução por parte de terceiros (orientadores, coautores, colegas), ainda que apenas uma pequena subamostra (20,9%) tenha feito uso de serviços de tradução integral de seus artigos do português para o inglês. Portanto, vimos em nossos resultados que praticamente todos se utilizaram de algum nível de suporte e que as questões relativas à utilização da língua inglesa nos artigos não eram supridas por seus conhecimentos. Tais conhecimentos, tão bem avaliados quando do momento de entrada (via teste de avaliação objetiva) se mostram insuficientes para a escrita científica.

Assim sendo, houve considerável disparidade quando falamos sobre o nível de inglês no momento de ingresso no programa de pós-graduação e a utilização de meios de auxílio para a tradução de trabalhos científicos (leia-se aí artigos a serem submetidos para periódicos em língua inglesa); tal situação nos leva a crer que os instrumentos/ferramentas linguísticas que nossos sujeitos possuíam no momento de entrada no programa não eram suficientes para a plena realização da tarefa de escrever inglês científico.

As estratégias de suporte para tradução para a língua inglesa utilizadas pelos estudantes para enfrentar as dificuldades em inglês foram: assistência dos orientadores, colegas, coautores, utilização de serviços de tradução e revisão do inglês para submissão aos periódicos. Em todos esses casos, vê-se que o estudante não está sozinho na busca da excelência pela escrita de seus trabalhos científicos. Certamente, toda essa rede de auxílio utilizada, em parte informalmente (no caso dos orientadores, colegas e coautores quando o assunto é tradução) não esteja sendo considerada no processo da pós-graduação; seriam subprodutos do *fazer parte* do grupo, acesso ao conhecimento que depende da boa vontade de pessoas próximas ao estudante e não dificuldades que estejam sendo previstas pelo programa no momento de ingresso dos alunos, não sendo nem o problema visto sem uma subsequente solução. Mesmo quando se sentem proficientes, quando confiam em suas habilidades para escrever, quando acham que a utilização da linguagem técnica é uma questão de ajustamento à revista/periódico ao qual seu artigo foi encaminhado, há uma necessidade clara de suporte e isto é claro em todas as falas em que os sujeitos explicitaram o auxílio de seus pares, mas de maneira diferenciada, dos orientadores. Em alguns momentos falamos em superestimação dos conhecimentos de língua inglesa; contudo a prova objetiva a que se submetem para ingresso no Departamento de Psiquiatria da FMUSP só permite que os melhores sejam admitidos. Pelo número de sujeitos que obteve nota acima de 80 (60% da amostra) para o teste de inglês de ingresso na pós-graduação, pela própria configuração do teste, por ser essa uma universidade reconhecida nacional e internacionalmente, que busca os melhores alunos e tem regras de admissão bastante exigentes, acreditamos que seu nível alto também eleva as expectativas de resultado. Nos relatos das respostas, quando o

sujeito conta com o suporte de sua equipe, pudemos perceber que sua segurança é maior de que realizou ou que realizará um bom trabalho com um resultado mais adequado de alcance de expectativas.

Conhecer a língua inglesa no caso dos nossos sujeitos pode ter facilitado na confecção de artigos de algum modo. Estudos anteriores também levam em consideração a importância de conhecer inglês (Shi et al, 2001; Man et al, 2004); contudo, assim como em estudos anteriores, podemos ser levados a crer que conhecer a língua inglesa é bastante importante e de grande valia e é um dos fatores que ajuda na obtenção de sucesso acadêmico para nossos sujeitos. Porém não é a única variável que deve ser levada em consideração quando se busca tal sucesso acadêmico (maior fator de impacto).

5.4. Relação entre proficiência em língua inglesa e produção científica dos alunos

Os altos índices de conhecimento em língua inglesa nesta amostra estão provavelmente relacionados ao fato de em grandes cidades do Brasil, como São Paulo, os estudantes frequentemente procuram por escolas de línguas especializadas para complementar (ou melhorar) seus conhecimentos de inglês enquanto cursam o ensino médio ou a universidade; e também ao fato de que a USP, por ser a universidade brasileira melhor classificada em rankings internacionais, tem alta

reputação para atrair pós-graduandos com maior competência no uso da língua inglesa.

Mesmo na presença de uma considerável qualidade de conhecimento prévio em língua inglesa na nossa amostra, houve utilização de algum tipo de auxílio de tradução por parte de terceiros numa proporção também bastante grande de casos (ainda que apenas uma pequena subamostra tenha feito uso de serviços de tradução integral de seus artigos do Português para o Inglês), como discutido no item anterior. A busca de auxílio pelo menos parcial para a confecção de seus artigos em inglês indica que o sucesso nas publicações em periódicos de maior impacto por parte dos pós-graduandos demanda conhecimentos de escrita técnica em inglês que não são cobertos pelo tipo de conhecimento prévio mais genérico de língua inglesa trazido por estes estudantes. Ainda assim, os resultados das nossas análises de regressão múltipla indicaram que a proficiência prévia em inglês teve influência significativa no sucesso dos estudantes para ter seus resultados publicados em revistas de língua inglesa de maior impacto. O fato de que tal relação significativa esteve presente apenas para o impacto dos periódicos nos quais os artigos foram publicados (e não para o número total de artigos) indica claramente que a proficiência em língua inglesa influencia mais na qualidade do que na quantidade de publicações geradas (Jaffe, 2004 ; Bauwens, 2007).

O conhecimento da língua inglesa, suas regras, vocabulário, estruturas de comunicação formais ou rotineiras, do dia a dia, mostra-se extremamente útil e necessário quando se pensa sobre publicar em revistas de alto impacto. Mas, além disso, faz-se necessário escrever em uma linguagem técnica/científica que muitas vezes o pesquisador não domina e sem a qual a língua inglesa por si só não dá conta

de satisfazer. Ainda quando o quesito é escrever artigos, devem-se levar em consideração as diferenças entre publicações e a necessidade de preencher os requisitos das mesmas (muitas vezes só suprida por um revisor especialista no assunto) para que o artigo receba a aprovação para ser publicado.

5.5. Relação entre produção do orientador e produção científica dos alunos

Tanto a análise de regressão múltipla quanto as respostas aos questionários trouxeram indicações de que o sucesso nas publicações dos alunos guarda relação significativa com a produção dos orientadores, mensurada através do índice h destes.

Nosso estudo é o primeiro a demonstrar tal associação na área de Psiquiatria em um país emergente. Deve-se, contudo, notar que mesmo levando-se em conta tal associação, manteve-se a relação significativa entre proficiência do estudante em língua inglesa e o impacto dos periódicos onde os seus artigos foram publicados. Uma possível explicação para este padrão é a de que estudantes mais proficientes em língua inglesa e motivados para a carreira científica procuram orientadores mais habituados com as engrenagens envolvidas na publicação de artigos em periódicos internacionais, fazendo com que a combinação destes dois elementos prediga maior sucesso em publicações.

Podemos ser levados a crer que o orientador tem influência positiva no que toca à produção científica do aluno, já que o primeiro conhece os caminhos para a publicação e apresenta rotas para a solução de problemas e outras soluções importantes no momento em que tal situação (publicação) tem que ser realizada.

Provavelmente o aluno mais motivado também busca o orientador mais bem colocado no que se considera referência científica.

5.6. Implicações gerais dos resultados, considerações finais e perspectivas futuras

O aumento no número de publicações em periódicos indexados sugere que há um aumento da qualidade da produção científica e da produtividade dos programas de pós-graduação. Existe uma percepção de que no Brasil, os pesquisadores tem conseguido alcançar um nível melhor no que concerne a utilização da língua inglesa para publicação, assim como da relevância da pesquisa realizada em nosso país. Enquanto a ciência é avaliada não só como conteúdo científico, mas, sobretudo como (“correta”) utilização da língua inglesa no contexto científico, o Brasil mostra que a produção acadêmica pode crescer num país que ainda apresenta muitos problemas no quesito educação.

As complicadas questões brasileiras no que concerne à educação, já vêm de longa data, vão desde a formação mais básica e se estendem ao ensino superior, chegando até a formação de pesquisadores. Muito se discute: desde a relevância das pesquisas e o alcance que as mesmas teriam (devido a seu poder de generalizar o seu conhecimento) até erros conceituais que acontecem na produção do que seja ciência (Volpato, 2012).

O padrão de resultados relatado nesta dissertação traz claras indicações de que a combinação entre proficiência prévia em língua inglesa e as habilidades para publicação dos orientadores tem influência significativa no sucesso das publicações

científicas de pós-graduandos de Psiquiatria, num cenário em que os estudantes têm também acesso gratuito a serviços de tradução de artigos para o inglês. Tais resultados suscitam questões importantes para políticas de treinamento de estudantes em serviços de pós-graduação dedicados à Psiquiatria e possivelmente às Neurociências. Por exemplo, fica claro que mesmo lidando com uma população de estudantes com bom conhecimento prévio de língua inglesa, um serviço de pós-graduação que se pretende competitivo em termos de produção científica possivelmente não deve prescindir da assistência externa para a produção dos artigos dos estudantes; além disso, para este tipo de população, parece ser mais vantajoso do ponto de vista de custo-benefício investir na facilitação do acesso dos estudantes a serviços de tradução do que aprimorá-los mais ainda, em curto prazo, em seus conhecimentos de inglês. Por fim, fica claramente sublinhado o quanto a presença de orientadores mais experientes em termos de publicações científicas alavanca a produtividade dos serviços de pós-graduação, seja no sentido de atrair estudantes mais motivados para publicar ou facilitando os processos envolvidos na preparação dos artigos.

As respostas abertas nos mostram o quanto se utilizou da assistência tanto de um profissional para auxílio na redação quanto de um orientador; ambas as situações mostram que houve maior segurança dos sujeitos para que realizassem a tarefa da preparação do artigo. Orientadores com grande experiência na academia e conhecimento da língua, tanto no padrão instrumental, informal, cotidiano quanto no padrão técnico/acadêmico, ao mesmo tempo em que mostram o caminho para a resolução dos obstáculos da preparação, colocam-se como revisores tanto do inglês (muitas vezes não só técnico, mas também estrutural da língua) como do conteúdo

científico dos artigos. O grupo, apesar de proficiente, tem no profissional de inglês e no orientador, um auxílio certo para a redação em inglês. No primeiro caso (profissional de inglês), pela ajuda com a própria língua em questão; no caso do orientador, além da questão da língua há o ponto do *dialeto* técnico e o conhecimento dos melhores caminhos para publicar, tanto em termos da linguagem a ser utilizada quanto ao se levar em conta a revista onde o artigo pode ser publicado e exigências que devem ser atendidas para que isso aconteça. No que concerne aos dados sobre a significância entre o índice h dos orientadores e os resultados obtidos pelos alunos junto aos periódicos, salta aos nossos olhos que o trabalho do orientador pode estar muito mais ligado a prever as dificuldades para publicação, por já ter ele mesmo tido consciência e superado obstáculos para publicar, e assim ser um facilitador para seus próprios orientandos.

Outros estudos nesta área podem ajudar a superar as limitações encontradas no presente, que foi feito com uma população bastante específica da FMUSP. Talvez possamos considerar que o conhecimento (ou a preocupação com o mesmo) da linguagem científica não foi ainda tratado com a devida consideração quando se fala sobre estudos que possam alcançar o sucesso acadêmico.

São muitas as questões e tentamos buscar em nossa análise formas para melhor entender como tais relações se entrelaçam e quais os caminhos possíveis para melhorar, estimular e facilitar o caminho daqueles que buscam publicar, principalmente em língua inglesa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvarenga PG et al. Revista de Psiquiatria Clínica 2007; 34supl.3 Editorial.

Bayliss D, Raymond PM. The Link Between Academic Success and L2 Proficiency in the Context of Two Professional Programs. The Canadian Modern Language Review, 2004; 61, 1.

Bachman LF. What Does Language Testing Have to Offer? TESOL. Quarterly 1991; 25 (4) p. 671-701.

Bachman LF. Fundamental Considerations in Language Testing Oxford. Oxford University Press; 1990.

Bar-Ilan J. Which h-index? – A comparison of Web of Science, Scopus and Google Scholar. Akadémiai Kiadó, 2008; 74, No. 2:257–271.

Baron TH. ABC's of writing medical papers in English. Korean J Radiol. 2012; S11.

Bauwens L et al. The Resistible Decline of European Science. CORE Discussion Paper from the Belgian Program on Interuniversity Poles of Attraction; 2007.

Available at:

http://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/core/documents/coredp2007_92.pdf

Brazil USP 61-70th in the ranking of THE (times higher education /2012).

Available at:

<http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2011-2012/reputation-rankings.html>

Brazilian Journal of Medical and Biological Research; 2012.

Disponível em: <http://www.scielo.br/revistas/bjmbr/iinstruc.htm>

Bressan RA, Gerolin J e Mari JJ. Brazilian Journal of Medical and Biological Research. 2005; 649-659.

CAPES - Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; 2012.

Disponível em: <http://www.capes.gov.br>.

Chen YT, Sun CC. Language proficiency and academic performance: a comparison study. Arizona State University Press; 2005.

Costas R, Bordons M. The h-index: Advantages, limitations and its relation with other bibliometric indicators at the micro level: Journal of Informetrics 1. ; 2007: 193–203.

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) - Pós-Graduação em Psiquiatria; 2012. Disponível em:

<http://www.psiquiatriafmusp.org.br/pg/pagina.php?FhIdPagina=30#topo>

Falagas et al. Comparison of PubMed, Scopus, Web of Science, and Google Scholar: strengths and weaknesses. *Journal FASEB*. 2008; 22 ; 338-342.

Garfield E. The History and Meaning of the Journal Impact Factor. *JAMA*. 2006; 90-93.

Goetz T, Wilhelm von der Lieth C. PubFinder: a tool for improving retrieval rate of relevant PubMed abstracts. *Nucleic Acids Research* 2005; 33.

González-Alcaide G et al. The Impact Factor in non-English-speaking countries. *Scientometrics* 2012; 297-311.

Graham JG. English Language Proficiency and the Prediction of Academic Success. *TESOL Quarterly* 1987 : Vol. 21, No. 3; 505-521.

Hamel RE. Linguistic inequality in scientific communication today: What can future applied linguistics do to mitigate disadvantages for non-anglophones? *AILA Review*, 2008;Volume 20: 53-71.

Henderson J. Google Scholar: A source for clinicians? *CMAJ*, 2005; Vol. 172 no. 12: 1549-1550.

Iglesias SRA, Batista NA. A língua inglesa e a formação de mestres e doutores na área da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica* 2010; 34: 74 – 81.

Jaffe S. No pardon for poor English in science. *The Scientist*; 2003.

Journal Citation Reports (JCR). ISI Web of Knowledge. Thomson Reuters. [Acesso em 25 de junho de 2012]. Available at: <http://ip-science.thomsonreuters.com/mjl/>

Leta J, Cruz HB. A produção científica brasileira. In: Viotti EB; Macedo MM, editores. *Indicadores de ciência e tecnologia no Brasil*. Editora Unicamp; 2003.

Leydesdorff L. Can scientific journals be classified in terms of aggregated journal-journal citation relations using the Journal Citation Reports? *Journal of the American Society for Information Science and Technology* 2006; Vol. 57, N° 5.

Man JP et al. Why do some countries publish more than others? An international comparison of research funding, English proficiency and publication output in highly ranked general medical journals. *Eur. J. Epidemiology*; 2004.

Meneghini R, Packer AL. Is there science beyond English? Initiatives to increase the quality and visibility of non-English publications might help to break down language barriers in scientific communication. *EMBO Rep*; 2007.

Momen H. Language and multilingualism in scientific communication. *Singapore Med Journal*; 2009: 654-656.

PubMed/MEDLINE. US National Library of Medicine. National Institute of Health. [Acessado em 20 de junho de 2012].

Available at: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>.

Qian DD. Investigating the Relationship between Vocabulary Knowledge and Academic Reading Performance: An Assessment Perspective. *Language Learning* 2002; Volume 52, N° 3: 513–536.

Revista Clinics. Disponível em: <http://www.clinics.org.br/inst.php>

Revista Brasileira de Psiquiatria (RBP).

Disponível em: <http://www.scielo.br/revistas/rbp/pinstruc.htm>

Shi L, Corco R, Storey A. Using student performance data to develop an English Course for Clinical Training. University of British Columbia, Vancouver, Canada; 2001.

SPSS Inc. SPSS Base 14.0 for Windows User's Guide. Chicago: SPSS Inc.; 2005.

Vasconcelos SMR, Sorenson MM, Leta J. Scientist-friendly policies for non-native English-speaking authors: timely and welcome. *J Med Biol Res*; 2007.

Vasconcelos SMR, Sorenson MM, Leta J. Researchers' writing competence: a bottleneck in the publication of Latin-American science? *European Molecular Biology Organization EMBO reports* 2008; VOL 9: 700-702.

Volpato GL. *Ciência: da filosofia à publicação*. Cultura Acadêmica; 2013.

ANEXO

Questionário - Parte A

1. Você percebeu a existência da língua inglesa:

desde a infância.	☐	☐
na adolescência.	☐	☐
na idade adulta.	☐	☐

2. Você começou a aprender inglês:

até os 10 anos de idade.	☐	☐
até os 20 anos de idade.	☐	☐
até os 30 anos de idade.	☐	☐
após os 30 anos de idade.	☐	☐

3. Quanto a seus pais:

ambos tinham conhecimentos avançados da língua inglesa.	☐	☐
nenhum deles tinha conhecimentos avançados da língua inglesa.	☐	☐
somente sua mãe tinha conhecimentos avançados da língua inglesa.	☐	☐
somente seu pai tinha conhecimentos avançados da língua inglesa.	☐	☐

4. Quanto aos estudos de seus pais:

ambos tinham curso superior completo.	☐	☐
nenhum deles tinha curso superior completo.	☐	☐
somente sua mãe tinha curso superior completo.	☐	☐
somente seu pai tinha curso superior completo.	☐	☐

5. Você teve cursos de língua inglesa:

apenas como matéria obrigatória das escolas oficiais.	☐	☐
tanto nas escolas oficiais como em cursos de língua inglesa.	☐	☐
apenas em escolas de língua inglesa.	☐	☐
nem em escolas oficiais ou em cursos de língua inglesa.	☐	☐

6. Na sua família:

seu pai e sua mãe achavam importante conhecer a língua inglesa.	☐	☐
somente sua mãe achava importante conhecer a língua inglesa.	☐	☐
somente seu pai achava importante conhecer a língua inglesa.	☐	☐
nenhum deles achava importante conhecer a língua inglesa.	☐	☐

7. Você estudava inglês:

para fazer provas na escola oficial.	☐	☐
para fazer provas na escola oficial e no curso de língua inglesa.	☐	☐
para fazer provas no curso de língua inglesa.	☐	☐
não estudava inglês nunca.	☐	☐

8. Com relação à língua inglesa você tinha:

curiosidade para conhecer músicas em inglês.	☐	☐
curiosidade para falar a língua inglesa.	☐	☐
vontade de ler textos em inglês.	☐	☐
não tinha vontade ou curiosidade em conhecer a língua inglesa.	☐	☐

9. Você já frequentou algum curso de inglês mais específico (voltado para escrita científica ou apenas para conversação etc.)?

Não.		
Sim, curso completo presencial.		
Sim, curso completo à distância.		
Sim, até o nível básico presencial.		
Sim, até o nível básico à distância.		
Sim, até o nível intermediário presencial.		
Sim, até o nível intermediário à distância.		
Sim, parei no nível avançado presencial.		
Sim, parei no nível avançado à distância.		

Parte B

1. Em qual dessas áreas você diria que tem mais dificuldade hoje?

Leitura.	☐	☐
Escrita.	☐	☐
Expressão oral.	☐	☐
Compreensão oral.	☐	☐

2. Em qual dessas áreas você diria que tem mais facilidade hoje?

Leitura.	☐	☐
Escrita.	☐	☐
Expressão oral.	☐	☐
Compreensão oral.	☐	☐

3. Como você diria que é sua habilidade de LEITURA em língua inglesa hoje?

Excelente.	☐	☐
Muito boa.	☐	☐
Boa.	☐	☐
Pouca.	☐	☐
Muito pouca.	☐	☐
Não sei avaliar.	☐	☐

4. Como você diria que é sua habilidade de ESCRITA em língua inglesa hoje?

Excelente.	☐	☐
Muito boa.	☐	☐
Boa.	☐	☐
Pouca.	☐	☐
Muito pouca.	☐	☐
Não sei avaliar.	☐	☐

5. Como você avalia sua habilidade de EXPRESSÃO ORAL em língua inglesa hoje?

Excelente.	☐	☐
Muito boa.	☐	☐
Boa.	☐	☐
Pouca.	☐	☐
Muito pouca.	☐	☐
Não sei avaliar.	☐	☐

6. Como você avalia sua habilidade de COMPREENSÃO ORAL em língua inglesa hoje?

Excelente.	☐	☐
Muito boa.	☐	☐
Boa.	☐	☐
Pouca.	☐	☐
Muito pouca.	☐	☐
Não sei avaliar.	☐	☐

7. De forma geral e independentemente de ser em português ou inglês, você diria que escreve bem? Justifique:

Respostas:

Parte C

1. Quantos e quais artigos científicos relacionados à sua tese (dissertação) foram até agora submetidos para publicação em revistas de circulação internacional na língua inglesa? Favor citar todos, independentemente de terem sido até hoje aceitos ou não para publicação.

Respostas:

2. Qual o seu nível de conhecimento em língua inglesa na época em que você escreveu seu primeiro artigo científico para sua tese?

Excelente.	☐	☐
Muito boa.	☐	☐
Boa.	☐	☐
Pouca.	☐	☐
Muito pouca.	☐	☐
Não sei avaliar.	☐	☐

3. Qual foi o nível de dificuldade encontrado por você ao redigir o primeiro artigo científico em língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação)?

Respostas:

4. Tipo de assistência na elaboração da tradução do primeiro artigo científico para a língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação):

ausente.	☐	☐
tradutor proficiente em língua inglesa.	☐	☐
co-autor proficiente em língua inglesa.	☐	☐
colaborador internacional.	☐	☐
orientador da tese ou dissertação.	☐	☐
outra	☐	☐

Respostas:

5. Caso tenha havido assistência para a tradução do primeiro artigo científico para a língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação), em qual etapa isto ocorreu?

Correção da versão final elaborada em inglês pelo próprio pesquisador.	☐	☐
Correção da versão inicial elaborada em inglês pelo próprio pesquisador.	☐	☐
Versão total para a língua inglesa.	☐	☐
Outra	☐	☐

Respostas:

6. Caso tenha havido revisão do primeiro artigo científico para a língua inglesa relacionado à sua tese (ou dissertação) não realizada por você, essa revisão foi realizada por:

uma empresa especializada em edição de linguagem ("language editing service").	☐	☐
um profissional editor/revisor de inglês não-nativo.	☐	☐
um profissional editor/revisor de inglês nativo.	☐	☐
um professor de inglês geral.	☐	☐
um colega do meio acadêmico cuja língua materna ou segunda língua seja inglês.	☐	☐

7. Após a submissão para publicação, qual foi o histórico do primeiro artigo científico em inglês relacionado à sua tese/dissertação (aceito ou não quando da primeira submissão, re-submetido ou não para publicação em outro periódico)?

Respostas:

8. Houve alguma menção - por parte do editor do periódico ou dos revisores anônimos - em relação a problemas de linguagem no primeiro artigo científico em inglês relacionado à sua tese (dissertação)? Em caso afirmativo, por que, na sua opinião, os editores/pareceristas apontaram problemas de linguagem

Respostas:

9. Caso tenham ocorrido dificuldades na aceitação do seu primeiro artigo científico em inglês para publicação internacional, você acredita que houve outros motivos que influenciaram esta recusa que não tenham sido relacionados à linguagem ou ao seu conteúdo científico?

Respostas:

10. Você diria que após a experiência de seu primeiro artigo científico em inglês relacionado à sua tese (dissertação), seu nível na língua inglesa:

manteve-se o mesmo.	☐	☐
melhorou.	☐	☐
piorou.	☐	☐

11. Caso esse nível tenha melhorado, a que você atribuiria essa melhora?

Respostas:

12. Após seu primeiro artigo científico para a tese (dissertação), você diria que houve uma melhor aceitação por parte dos pareceristas no que concerne à linguagem de seus escritos? Descreva:

Respostas:

13. Como você avalia seu progresso nos artigos que sucederam o primeiro artigo para a tese (dissertação)? Houve maior preparo de sua parte ou maior suporte na confecção deles? Especifique:

Respostas:

14. Caso você publique também em português (em caso negativo, vá para a próxima questão), quantos e quais artigos científicos relacionados à sua tese (dissertação) foram até agora submetidos para publicação em revistas nacionais? Favor citar todos, independentemente de terem sido até hoje aceitos ou não para publicação.

Respostas:

15. Você aceitaria participar de uma avaliação de seus conhecimentos de língua inglesa nas dependências do Hospital das Clínicas, a nosso convite? O tempo aproximado do teste é de 60 minutos.

Sim.	☐	☐
Não.	☐	☐

16. Caso esta avaliação de conhecimentos de língua inglesa fosse feita nas dependências de uma das unidades da Cultura Inglesa em São Paulo, gerando um escore e certificação oficial sobre seu conhecimento atual, você teria interesse em participar?

Sim.	☐	☐
Não.	☐	☐